

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



Desafios, Recursos e Soluções em Famílias Adoptivas

- Uma Análise de Narrativas -

Ana Catarina Duarte Branquinho

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Secção de Psicologia Clínica e da Saúde

Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica

2011

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



Desafios, Recursos e Soluções em Famílias Adoptivas
- Uma Análise de Narrativas -

Ana Catarina Duarte Branquinho

Dissertação orientada pela Professora Doutora Isabel Narciso Davide

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Secção de Psicologia Clínica e da Saúde

Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica

2011

Agradecimentos

Às famílias adotivas que tornaram este trabalho possível. Obrigada pelo tempo que disponibilizaram e pela partilha de histórias e experiências.

À professora Isabel, por todos os momentos de incentivo, carinho e paciência. Obrigada por acreditar em mim e por me incentivar a gostar deste mundo da investigação.

À professora Rita pela simpatia e disponibilidade.

À minha família! Obrigada aos meus pais pelo apoio em todas as alturas, pelas palavras certas nas horas certas, por todo o seu amor e compreensão. Ao meu irmão. À minha avó pela sua coragem, e por me demonstrar que mesmo sem palavras muito pode ser dito por gestos. Ao meu avô pela honestidade e perseverança. Aos meus tios pelo carinho e por todo o tempo que me dedicaram.

Ao Ricardo, pelo amor e apoio nos bons e maus momentos! Obrigada por estares sempre presente!

À Mariana, pela amizade em todas as horas. Pelas longas e boas conversas, pela partilha e por todo o apoio.

Aos meus amigos, Daniela, Mariana, Ana Luísa e Nuno com quem muito aprendi, cresci e reflecti. Obrigada pela vossa amizade.

Às minhas amigas, Carlota, Mariana, Catarina e Zaída por todos os anos de amizade e experiências partilhadas.

Resumo

As famílias adotivas seguem uma trajetória própria e existem especificidades que precisam ser compreendidas, assumidas e integradas. A presente investigação pretende compreender e explorar as dificuldades vivenciadas pelas famílias adotivas, o processo envolvido na resolução das dificuldades e a avaliação que as famílias realizam da resolução que aplicam a essas dificuldades. O estudo exploratório foi realizado com uma amostra constituída por 17 participantes, 7 casais adoptantes e 3 adoptantes singulares. Com base no paradigma construcionista, recorreu-se a uma metodologia qualitativa, aplicando-se uma entrevista semi-estruturada, com posterior análise de conteúdo através do *software QSR NVivo*. Os resultados obtidos revelam que as famílias adotivas experienciam mais dificuldades no período de pré-adoção e as fontes de dificuldade surgem associadas, maioritariamente, ao meio intra-familiar, e dizem respeito a características pessoais da criança e ao ajustamento dos pais aos seus novos papéis e responsabilidades. Os comportamentos e as atitudes desadequadas das crianças são os tipos de dificuldade mais apontados pelos pais adoptivos. Apesar das muitas e potenciais dificuldades associadas à parentalidade adoptiva, as famílias adotivas avaliam de forma positiva a resolução das dificuldades, tal parece estar associado à satisfação parental com a experiência da adoção que influencia a percepção positiva que as famílias têm das dificuldades, que por sua vez, se reflecte na mobilização eficaz dos recursos de que dispõe e na utilização de estratégias adaptativas no processo de resolução de dificuldades.

Palavras-Chave:

Famílias adotivas, dificuldades, recursos, processo de resolução, avaliação.

Abstract

The adoptive families follow their own trajectory and there are specificities that need to be understood, assumed and integrated. The present investigation intends to understand and explore the difficulties experienced by adoptive families, the process involved in the difficulties resolution and the assessment families do of the resolutions they apply to those difficulties. The exploratory study was conducted using a sample of 17 participants, 7 adoptive couples and 3 singular adoptive parents. Based on constructivist paradigm, and following a qualitative methodology. A semi-structured interview was conducted, with posterior analysis of the content with *software QSR Nvivo*. The results reveal that adoptive families experienced more difficulties in the pre-adoption period. The sources of those difficulties are mostly associated to intrafamiliar environment and are related to children personal characteristics and parent's adjustment to their new roles and responsibilities. The types of difficulties that adoptive families experience the most are related to inappropriated behaviors and attitudes of the children. Besides these difficulties the adoptive families assess the resolution of their difficulties positively what seems to be related to their parental satisfaction with the adoptive experience. This satisfaction influences the positive perception that families have of their difficulties; on the other hand, it tends to be reflected in the efficient mobilization of the available resources and in the adaptative strategies of the process of difficulties resolution.

Key-words:

Adoptive families, difficulties, resources, resolution process, assessment.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
1. Metamorfoses do Conceito de Família(s)	3
1.1. A Adopção.....	3
2. Famílias do Coração: Desafios, Especificidades e Dificuldades Vivenciadas	4
2.1. A Decisão de Adotar	5
2.2. A Transição para a Parentalidade.....	6
2.2.1. Características dos Pais Adoptivos	6
2.2.2. Características das Crianças Adoptadas	8
2.3. Comunicação sobre a Adopção.....	11
3. Stress, Recursos e Estratégias das Famílias Adoptivas	11
II - PROCESSO METODOLÓGICO	15
1. Enquadramento Metodológico.....	15
2. Desenho da Investigação.....	17
2.1. Questão Inicial	17
2.2. Mapa conceptual.....	18
2.3. Objectivos (gerais e específicos)	18
2.4. Questões de Investigação.....	19
2.5. Estratégia Metodológica	20
2.5.1. Selecção da Amostra e Caracterização	20
2.5.2. Instrumentos Utilizados.....	21
2.5.2.1. Questionário Sócio-Demográfico	21
2.5.2.2. Entrevista Semi-estruturada.....	21
2.5.3. Procedimento de Recolha de Dados	22
2.5.4. Procedimento de Análise de Dados	22
3. Apresentação e Discussão de Resultados	23
Conclusão	42
BIBLIOGRAFIA	46

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa Conceptual.....	18
--	----

ÍNDICE DE APÊNDICES

Apendice I – Esquema representativo da árvore de categorias

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo A - Questionário sócio-demográfico

INTRODUÇÃO

A adopção, na opinião de muitos dos autores que escreveram e escrevem sobre este tema, tem inerente a si, uma expressão que a caracteriza: “*a adopção existe desde sempre*” (Salvaterra & Veríssimo, 2008, p.501). A adopção transcende tempos, lugares e culturas (Brodzinsky, 1987; Palacios, 2009; Salvaterra & Veríssimo, 2008).

A família adoptiva tem vindo a acompanhar muitas das metamorfoses que estão subjacentes às próprias alterações da sociedade, da organização da família e da forma de encarar quer os interesses das crianças, quer os interesses dos pais adoptantes (Schettini, Amazonas, & Dias, 2006). A adopção tornou-se num fenómeno cada vez mais investigado e discutido e com uma crescente aceitação social (Brodzinsky & Schechter, 1990; Molina, 2002; Palacios, 2009; Palacios, Sánchez-Sandoval, & Sánchez-Espinosa, 1996).

Actualmente, a adopção pode ser encarada como uma forma de resposta da sociedade que com o intuito de proteger os interesses da criança, promove entre o adoptante e o adoptado um vínculo de filiação, enquanto os vínculos jurídicos entre o adoptado e a sua família de origem desaparecem. É, assim, proporcionada, à criança, uma família alternativa à família biológica onde se poderá desenvolver de uma forma saudável e adequada (Domingo, 2004; Ferreira, Pires, & Salvaterra, 2004; González et al., 2001; Mascarenhas & Alarcão, 2002; Palacios, 2009; Palacios, León, Sánchez-Sandoval, Amóros, Fuentes, & Fuertes, 2006).

A adopção constitui uma problemática actual, quer ao nível do interesse que desperta no público, quer ao nível da investigação. Devido ao conjunto de especificidades e particularidades inerentes à adopção considera-se pertinente aprofundar os conhecimentos sobre as características das famílias adoptivas, bem como das suas vivências enquanto tal. Os estudos nesta área são ainda escassos, desta forma é necessária investigação que incida sobre a realidade da adopção, em Portugal, que permita conhecer as vivências das famílias adoptivas, os seus aspectos específicos e que fundamente a implementação de práticas profissionais, proporcionando apoio às famílias adoptivas nas várias dificuldades e desafios com que se vão confrontando.

A presente dissertação insere-se, pois, no âmbito da temática da adopção. A literatura científica indica que das diversas temáticas e perspectivas que compõem o universo da adopção, poucos são os estudos que o fazem do ponto de vista dos adoptantes (Levy-Shiff, Goldshmidt, & Har-Even, 1991). Partindo de uma amostra de pais adoptivos, pretende-se, através das suas narrativas e episódios descritivos, compreender as especificidades e desafios que estas famílias experienciam, bem como os recursos e estratégias a que recorrem, isto é, pretende-se compreender quais as dificuldades que vivenciam, como as avaliam e de que forma as solucionam.

A presente dissertação apresenta uma abordagem possível no estudo da adopção, pretendendo, através de um paradigma construcionista e de uma metodologia qualitativa, aprofundar os conhecimentos neste campo de estudo. A dissertação encontra-se organizada em quatro secções: 1) o enquadramento teórico que compreende a revisão de literatura; 2) apresentação e descrição do processo metodológico; 3) apresentação e discussão dos resultados obtidos, de acordo com as questões de investigação elaboradas; e 4) principais conclusões e reflexões, resultantes do cruzamento dos dados da literatura com resultados obtidos na presente dissertação.

I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. *Metamorfoses do Conceito de Família(s)*

O conceito de família tem vindo a ser alvo de mudanças que estão, por sua vez, subjacentes às próprias alterações da sociedade. A par das profundas transformações demográficas, culturais, políticas, económicas e sociais, ocorridas nas últimas décadas, a realização de pesquisas centradas na família tem vindo a promover o desenvolvimento de outros olhares sobre a multiplicidade e complexificação de modelos e formas familiares que apontam para uma reformulação de conceitos e para novas leituras sobre a realidade social (Aboim, 2003; Cunha, 2007; Wall & Amâncio, 2007).

Embora esta multiplicidade não se considere como um facto novo, algumas das configurações e dinâmicas familiares, presentes na actualidade, tornam a definição do conceito de família objecto de especial cuidado e reflexão. Nessa linha, Roussel (1992) defende a ideia de que nos tempos que correm não é possível falar de família sem ser no plural, ou seja, “famílias”.

O conceito de família, actualmente, abarca uma diversidade de configurações familiares, muito além da família dita tradicional, tal como famílias monoparentais, famílias com pais do mesmo sexo, bem como uma mistura de estruturas familiares reconstituídas, interracialias, adoptivas, entre outras (Wilson, 2004).

1.1. A Adopção

A adopção começou por ser uma possibilidade que visava sobretudo o interesse do adulto, tornando-se progressivamente numa oportunidade para a criança, promovendo a sua protecção, os seus interesses e a defesa dos seus direitos (Salvaterra & Veríssimo, 2008).

Presentemente, a adopção é percebida como o vínculo jurídico e afectivo que promove o direito de pertença de uma criança a uma família, e que terá de ter sempre por base o superior interesse da criança. Representa uma das melhores alternativas, frente à institucionalização, para muitas crianças que não têm a possibilidade de viver junto das suas famílias biológicas (Domingo, 2006; Juffer & IJzendoorn, 2007; Mech, 1973, citado por Brodzinsky, Singer, & Braff, 1984).

As possibilidades de adopção apresentam-se, nos dias de hoje, sob múltiplas formas e em diferentes contextos. Embora a motivação principal para a adopção esteja

associada a casais com problemas de infertilidade ou, mais propriamente, à impossibilidade de concretizar a filiação biológica e ao desejo simultâneo de querer exercer a parentalidade (Domingo, 2008; Mascarenhas & Alarcão, 2002; Palacios, 2009; Palacios et al., 1996; Salvaterra & Veríssimo, 2008), também casais com filhos biológicos, casais de meia idade, casais homossexuais, casais que perderam um filho e pessoas singulares têm manifestado interesse em constituir ou aumentar a sua família através da adopção (Schettini et al., 2006).

Podemos perceber a adopção como tendo uma dupla funcionalidade: é uma forma de protecção da infância e é uma oportunidade para os casais/pessoas singulares com o desejo de serem pais e constituírem uma família.

A adopção é, assim, considerada como uma forma não tradicional de criar uma família que estabelece laços ao longo da vida entre crianças, pais adoptantes e pais biológicos, e que apresenta desafios únicos, stressores e alegrias (Leon, 2002; Waggenpack, 1998; Wegar, 1995, 2000, cit. por O'Brien & Zamostny, 2003). Embora seja considerada como uma forma alternativa de constituir família, pretende assegurar relativamente à criança as mesmas funções e exercer os mesmos direitos e deveres da estrutura clássica e tradicional de família (Salvaterra & Veríssimo, 2008).

A adopção espelha as mudanças sociais que têm vindo a acontecer na sociedade. Reflete as mudanças relativas ao modo das sociedades encararem as necessidades da criança, as necessidades dos pais biológicos e dos pais adoptantes.

2. Famílias do Coração: Desafios, Especificidades e Dificuldades Vivenciadas

A família adoptiva não se distingue, no essencial, da família biológica, competindo-lhe assegurar as mesmas funções e exercer os mesmos direitos e deveres que a família biológica (Salvaterra & Veríssimo, 2008). Por exemplo, de uma maneira geral, os pais enfrentam diversos tipos de stress, devido aos vários desafios com que têm de lidar na parentalidade, tais como: o desenvolvimento familiar; a educação dos filhos; como alcançar a unidade familiar; como promover o crescimento das crianças; saber participar na vida escolar; e manter uma segurança financeira.

A maior parte das tarefas experienciadas por famílias adoptivas são similares às verificadas em famílias não adoptivas, embora existam assuntos específicos com que se confrontam os pais adoptantes e as suas crianças, em cada estágio do seu ciclo de vida familiar (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002), que se interligam e complexificam as

mais universais tarefas da vida familiar (Brodzinsky, 1984, cit. por Brodzinsky, 1990). Estes desafios devem ser analisados no amplo contexto de vida da família (Rosenthal & Groze, 1994).

As famílias adoptivas seguem uma trajectória própria e existem especificidades que precisam ser compreendidas, assumidas e integradas no processo como um todo.

Os principais temas em que se verificam tarefas específicas, dizem respeito à decisão de adoptar, ao ajustamento inicial à parentalidade adoptiva, às conversas sobre adopção com os filhos, relacionam-se também com o apoio à curiosidade dos filhos sobre a família biológica, com o impacto das perdas relacionadas com a situação da adopção, com a necessidade de promover uma visão positiva sobre as suas origens e de fomentar (na criança) uma imagem de si e uma identidade positivas em relação à adopção, e, por vezes, sobretudo na adolescência, com o suporte na decisão da busca da família de origem (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002; Brodzinsky, Smith, & Brodzinsky, 1998). O stress está, neste sentido, sempre presente na parentalidade adoptiva (Palacios & Sánchez-Sandoval, 2006).

2.1. A Decisão de Adoptar

A grande maioria dos pais adoptantes enfrentou uma situação de infertilidade, problema que pode estar associado a problemas psicológicos no casal (Brodzinsky et al., 1998), tais como baixa auto-estima, depressão, problemas de comunicação no casal e ressentimentos com o parceiro. É necessário que os candidatos à adopção, (independentemente da sua motivação para adoptar) consigam resolver, compreender e explorar os seus próprios problemas, para que possam estabelecer um ambiente saudável, de suporte e de confiança para os seus filhos, e que consigam ultrapassar as tarefas específicas relacionadas com a adopção (Brodzinsky, Lang, & Smith, 1995, cit. por Salvaterra & Veríssimo, 2008).

Os pais adoptantes, para além de terem de lidar com o estigma social de que a adopção é a “segunda melhor forma” de aceder à parentalidade, também têm de justificar a sua decisão e tendem a receber menos apoio da família alargada e dos amigos que os pais biológicos (Palacios, 2000; Singer, Brodzinsky, Ramsay, Steir, & Waters, 1985, cit. por Salvaterra & Veríssimo, 2008).

No momento em que os pais adoptantes comunicam a decisão de adoptar e a consequente inscrição no Serviço de Adopção, à família alargada, a reacção desta é, por vezes, marcada por uma certa dúvida, relutância e frieza iniciais que revelam um pouco

a estigmatização que a adopção parece ainda evocar (Ferreira et al., 2004). Mesmo que as reacções tendam a evoluir positivamente, quando os candidatos anunciam a sua intenção de adoptar, recebem menos suporte da família alargada e dos amigos (Singer et al., 1985). E esta diminuição do apoio percebido ainda é mais significativa quando se trata de acolher crianças de outra etnia, cultura ou com necessidades especiais.

Os pais biológicos tomam a decisão de ter um filho e esse é um assunto da sua esfera privada. No caso dos pais adoptantes, estes têm de passar por um período de avaliação e controlo extra-familiar (processo de selecção por parte do Serviço de Adopção e ainda a requalificação judicial) (Mateus & Relvas, 2007) para poderem gozar da possibilidade de ter um filho. Palacios (2000) chama a atenção para este período de avaliação que é, na maioria das vezes, gerador de preocupações e ansiedade, não só pelo facto dos pais adoptantes temerem não cumprir os requisitos necessários, mas também pelo desconhecimento dos procedimentos envolvidos. O mesmo autor ressalva que, mais tarde, o facto dos pais adoptivos terem sido submetidos a este período de avaliação, pode funcionar como um facilitador de resolução de dificuldades, sendo que as suas características foram valorizadas e aprovadas por técnicos que conhecem as dificuldades e especificidades envolvidas na adopção.

O tempo de espera para a realização deste desejo é indeterminado, e a passagem, em si, para a parentalidade é, muitas vezes, abrupta podendo não existir um envolvimento e preparação gradual do papel parental, originando sentimentos de stress, ansiedade e angústia - situação que também não acontece com os pais que têm filhos biológicos - (Levy-Shiff et al., 1991; Relvas & Alarcão, 2002).

2.2. A Transição para a Parentalidade

A transição para a parentalidade adoptiva é uma das primeiras tarefas do ciclo de vida destas famílias. Relaciona-se com o desenvolvimento de um ambiente propício à formação de laços afectivos fortes e seguros e de um sentimento de pertença (Palacios, 2000).

2.2.1. Características dos Pais Adoptivos

A formação desses laços afectivos vai depender das características dos pais, das suas qualidades parentais, mas também da história relacional da criança. A relação que se estabelece entre pais e filhos é um dos factores cruciais que permite criar condições

de suporte a uma exploração adequada das questões relacionadas com a adopção (Muñoz, Rebollo, Fernández-Molina, & Morán, 2007).

De acordo com diferentes autores e estudos, por estes conduzidos, os pais adoptantes caracterizam-se por estabelecer e manter relações mais positivas e democráticas com os seus filhos, não são percebidos como mais permissivos que os pais biológicos, tendem, sim, a utilizar práticas de controlo parental indutivas e a utilizar práticas de negociação na resolução de conflitos (Noller, 1994, cit. por Muñoz et al., 2007; Palacios et al., 1996).

Em Portugal, foi desenvolvido um estudo (Cardoso, 2008), onde se estabeleceram comparações entre pais adoptivos e não adoptivos, relativamente às estratégias disciplinares e aos afectos parentais. Verificou-se que os pais adoptivos recorrem mais frequentemente, que os pais não adoptivos, a estratégias disciplinares positivas e com menos frequência a acções disciplinares negativas. De acordo com Melina (1994, cit. por Mateus & Relvas, 2007), os pais adoptivos, por se sentirem tão satisfeitos e gratos por terem tido um filho, têm dificuldade em exercer autoridade e disciplina (sendo estas essenciais para o bem-estar da criança e de toda a família), tornando-se mais condescendentes, e recorrem, também frequentemente, a estratégias disciplinares positivas.

Ferreira e colaboradores (2004) conduziram uma investigação que incidiu sobre o processo de acesso à parentalidade adoptiva. Concluíram que as mães adoptivas, embora não tivessem vivenciado a experiência da gravidez, são igualmente capazes de desenvolver uma relação parental adequada. Estas mães identificam-se com os seus filhos adoptivos, estabelecendo com eles fortes elos afectivos, caracterizados por um sentimento de pertença e partilha.

Num outro estudo sobre a transição para a parentalidade adoptiva, chegou-se à conclusão de que os pais adoptivos, em comparação com progenitores biológicos, expressam maior satisfação marital e expectativas mais positivas, no que respeita ao impacto da experiência parental, a nível pessoal e familiar, considerando, assim, que as suas expectativas prévias se concretizaram (Levy-Shiff et al., 1991).

Marquis e Detweiler (1985, cit. por Munõz et al., 2007), num estudo de comparação entre adolescentes adoptados e adolescentes não adoptados, pretendia avaliar o tipo de laços que os pais estabelecem com os seus filhos, constataram que os adolescentes adoptados descrevem os seus pais como mais afectuosos, mais protectores, mais solícitos e com mais condutas de ajuda, do que os adolescentes não adoptados.

Num estudo mais recente, conduzido por Muñoz e colaboradores (2007), com o intuito de analisar as dinâmicas familiares, verifica-se que as famílias adoptivas se percebem como mais afectivas, comunicativas e indutivas e menos críticas e indulgentes, comparativamente com a percepção que têm de si, as famílias não adoptivas.

Actualmente, de uma maneira geral, os estudos apontam para altos níveis de satisfação dos pais adoptivos em relação à adopção. Segundo Kadushin (1970, cit. por Rosenthal & Groze, 1994) e Rosenthal e Groze (1990), 75% ou mais dos pais adoptivos mostram-se bastante satisfeitos com a experiência da adopção. A maioria da amostra de um estudo, realizado por Palacios e colaboradores (1996), mostrou-se satisfeita com a adopção e a vida familiar, devendo-se tal, em parte, à correspondência entre as expectativas e a realidade.

Apesar dos muitos e potenciais desafios associados à transição para a parentalidade adoptiva, quer a investigação, quer a experiência clínica mostram que a maioria das famílias adoptivas lida de forma muito adequada com esta fase das suas vidas. Não têm sido encontradas diferenças entre famílias adoptivas e não adoptivas, quer quanto ao ambiente em casa, quer quanto ao desenvolvimento mental e motor das crianças, nos primeiros dois anos de vida (Plomin & DeFries, 1985, cit. por Brodzinsky et al., 1998).

2.2.2. Características das Crianças Adoptadas

Existem factores que podem contribuir para uma melhor ou pior integração da criança. As experiências prévias, as expectativas de abandono, o baixo sentimento de pertença e de permanência na família, a carência de habilidades sociais, a baixa capacidade de apego, os problemas de comportamento, o baixo sentido de auto-eficácia e as fracas redes de apoio social são factores que têm uma acção negativa (Molina, 2002; Salvaterra & Veríssimo, 2008). O abandono é, realmente, um sentimento presente, uma vez que para as crianças adoptadas, embora a adopção represente o ganho de uma nova família implica a perda de uma outra família (Palacios, 2000).

Em relação às crianças adoptadas, existe uma “ideia” que tem vindo a ser reforçada pela investigação: as crianças adoptadas apresentam mais problemas e dificuldades comparativamente às não adoptadas (Leon, 2002; Waggenpack, 1998). Os problemas atribuídos são de ordem física, psicológica e escolar: hiperactividade; problemas de comportamento; agressividade; baixa auto-estima; problemas de sono; e

problemas de alimentação (Brodzinsky, 1987; Brodzinsky et al., 1984; Brodzinsky & Schechter, 1990; Levy-Shiff, 2001).

No entanto, alguns estudos vieram refutar este estereótipo. Existem investigações que alegam que as diferenças entre as crianças adoptadas e crianças não adoptados não são tão significativas (Hodges, 2005). Juffer e IJzendoorn (2007), no seu estudo, comprovam que a população adoptada tem níveis normativos de auto-estima. Estes autores defendem que a adopção tem alguns riscos associados, porém, os elementos protectores sobrepõem-se, fazendo com que esta se torne numa medida de intervenção eficaz.

As crianças/jovens adoptados tendem a apresentar níveis de risco mais elevados que os seus irmãos (filhos biológicos do casal adoptante), no que diz respeito ao ajustamento psicológico, mas quando comparados com grupos da mesma faixa etária e com as mesmas características sócio-demográficas, os seus resultados melhoram. Tal é, ainda, mais evidente, quando comparados com crianças/jovens institucionalizados ou em famílias de acolhimento. Ou seja, as conclusões relativas a esta população têm a ver com a população com que são comparados (Wilson, 2004).

Existem vários estudos que referem que as crianças adoptadas estão desproporcionalmente representadas nas populações clínicas. Tal pode acontecer porque os pais adoptivos têm tendência a recorrer aos serviços de saúde por problemas menos graves do que os pais não adoptivos (Palacios, 2000). Os pais adoptivos, muitas vezes, desconhecem dados importantes sobre a história da criança, o que os pode tornar mais inseguros.

Um dos problemas mais frequentes das investigações com crianças adoptadas prende-se com as metodologias (Palacios et al., 1996). Por um lado, como já referimos, a população de crianças adoptadas é muito heterogénea, umas foram adoptadas logo após o nascimento, outras foram adoptadas mais tarde, algumas foram adoptadas após um tempo longo de institucionalização, outras estiveram em famílias de acolhimento, algumas sofreram maus-tratos e negligência, outras sofreram privações graves em termos sociais e psicológicos, isto é, a criança adoptada carrega consigo uma história prévia à adopção que não pode, nem deve, ser generalizada, pois as circunstâncias de vida até chegar à adopção são muito variadas.

Nos estudos que estabelecem comparações entre crianças adoptadas e crianças não adoptadas, é preciso, primeiro, considerar-se qual o tipo de adopção que se pretende

analisar e, em seguida, definir-se qual o grupo com o qual se estabelecerá a comparação (Wilson, 2004).

As variáveis sexo e idade, das crianças adoptadas, surgem associadas a uma maior probabilidade e gravidade dos problemas, bem como tendo uma influência no processo de integração familiar.

A idade da criança, aquando da adopção, surge como o factor que se encontra mais claramente associado ao fracasso da adaptação/integração familiar (Barth & Berry, 1988; Brodzinsky et al., 1995; Rosenthal, 1993). As duas variáveis parecem, de acordo com a literatura, variar na proporção inversa, uma idade tardia está relacionada com uma maior probabilidade de insucesso da adopção, embora se verifiquem cada vez mais casos de adopções de sucesso do que o inverso (Brodzinsky, 1987).

A acumulação de experiências, vivências e acontecimentos menos favoráveis que as crianças mais velhas experienciaram, podem ter um impacto negativo na família adoptiva, aumentando as dificuldades no seu ajustamento, complicando as relações pais-filhos e o funcionamento familiar (Hodges, 2005; Palacios, 2000; Rosenthal & Groze, 1990).

Quando surgem eventuais problemas, as famílias adoptivas têm tendência a realizar atribuições de causalidade entre o comportamento actual da criança e o seu passado, associando-o a experiências e vivências negativas da criança, desde problemas emocionais, falta de carinho na vida passada, maus-tratos ou negligência, problemas escolares e falta de estimulação. É também ao passado que associam as dificuldades de vinculação das crianças (Molina, 2002).

Quanto à influência da variável sexo, as opiniões dividem-se. Para Rosenthal, Schmidt e Conner (1988), a variável sexo, nomeadamente o sexo feminino, surge como um premonitor de sucesso na adaptação/integração familiar. Já Festinger (1990, cit. por Brodzinsky & Schechter, 1990) constata que o sexo não é uma variável com influência na fase de adaptação/integração familiar.

González e os seus colaboradores (2001) referem o ambiente familiar securizante, a abertura familiar com a criança para falar sobre qualquer temática ou dúvida, o evitar os segredos e envolver sempre a criança para que esta se vá sentindo cada vez mais estável junto da família, como alguns dos factores facilitadores deste período de transição.

2.3. Comunicação sobre a Adopção

À medida que a criança cresce, os pais têm de decidir *como* e *quando* comunicar os detalhes da adopção (Palacios & Sánchez-Sandoval, 2006). A partir desse momento, é necessário permitir e discutir a adopção com o filho, lidar com a sua curiosidade sobre a sua família de origem, e ajudá-lo a lidar com sentimentos de perda relacionados com a família de origem (Brodzinsky, 1990; Schechter & Bertocci, 1990), de forma a que este crie uma auto-imagem positiva e um sentido de identidade relativamente à sua condição de adoptado (Brodzinsky et al. 1998; Palacios, 2000; Salvaterra & Veríssimo, 2008). A consciência de ser adoptado envolve também, para a criança, tarefas adicionais que não são enfrentadas por outras crianças (Triseliotis, Shireman, & Hundleby, 1997): lidar com o sentimento de perda dos pais biológicos e o sentimento de rejeição que isso veicula; o conhecimento da diferença entre parentalidade biológica e parentalidade psicológica; e a integração no desenvolvimento do seu “eu” do facto de ter mais do que uma família.

3. Stress, Recursos e Estratégias das Famílias Adoptivas

A família, seja qual for a sua configuração, estrutura ou dinâmica, tem de ser analisada como um sistema ecológico, em desenvolvimento e interacção constante com o que a rodeia. E, como qualquer sistema, tem recursos e stressores (Groze, 1996).

As famílias adoptivas confrontam-se com assuntos específicos, em cada estágio do seu ciclo de vida familiar, o que resulta num aumento dos stressores nos períodos de transição (Groze, 1996).

De acordo com os aspectos explicitados, os pais adoptivos enfrentam situações específicas propícias de elevar os níveis de stress ao extremo. O stress está, neste sentido, sempre presente na parentalidade adoptiva (Palacios & Sánchez-Sandoval, 2006). Enquanto, para alguns pais, estes desafios os estimula a resolvê-los de uma forma adaptativa, para outros, desencadeiam um estado de stress que contribui para a deterioração das relações familiares, podendo chegar, inclusive, à ruptura da família (Farber, Timberlake, Mudd, & Cullen, 2003).

O stress parental nos pais adoptivos pode ser agravado ou influenciado por factores que dizem respeito a problemas intrínsecos à criança, ausência de suporte dos sistemas informais e formais, e discriminação e intrusão excessiva por parte do exterior (Reynolds & Medina, 2008).

Não obstante os inúmeros desafios encarados, o estudo efectuado por Levy-Shiff, Zoran e Shulman (1997) revela que o nível de stress psicológico demonstrado pelos pais adoptivos mostra-se relativamente reduzido. Deste modo, a parentalidade adoptiva exige a mobilização de uma gama de recursos e estratégias adaptativas de resolução de problemas e conflitos (Farber et al., 2003).

De forma a combater os sinais de stress parental e otimizar a qualidade da experiência da parentalidade adoptiva, revela-se, de extrema importância, o apoio providenciado pelos técnicos que integram as equipas responsáveis pela adopção, designadamente, ao nível da promoção de forças e competências pessoais e parentais, e aconselhamento ao nível de estratégias educativas e de *coping* positivas, essenciais para lidar com situações desafiantes que possam surgir (Reynolds & Medina, 2008).

Da parte dos pais, parece fazer toda a diferença, no posterior funcionamento familiar, que estes procurem reunir toda a informação possível sobre a criança e as especificidades que contornam a experiência da adopção, para tal recorrem ao apoio contínuo dos seus recursos sociais e comunitários.

Desta forma, considera-se que os pais que procuram reunir informação o mais completa possível antecipando possíveis dificuldades e situações imprevistas, alicerçados em redes de suporte efectivas e positivas, demonstram estar melhor equipados para enfrentar a experiência da adopção e sofrer índices de stress mais reduzidos e monitorizados. Acrescente-se, como potenciais recursos, a idade e consequente maturidade emocional (Levy-Shiff et al., 1991), os factores económicos, a capacidade de tolerância à frustração, de escuta e de adiamento da gratificação, a manutenção de papéis parentais flexíveis, e a coesão conjugal e familiar (Rosenthal, 1993, cit. por Brodzinsky & Pinderhughes, 2002).

Uma parte significativa das investigações foi realizada no primeiro ano que os pais adoptivos estão com a criança, o que pode ser um indício de que os resultados relativamente aos níveis elevados de stress poderão ser um reflexo do período de ajustamento/adaptação (McCubbin & Patterson, 1983, cit. por Palacios & Sánchez-Sandoval, 2006).

Diversos estudos confirmam a importância da existência de uma rede de suporte efectiva para uma parentalidade mais positiva e satisfatória (Levy-Shiff et al., 1991), o que pode explicar os resultados obtidos no estudo de Barth e Berry (1992, cit. por Brodzinsky & Pinderhughes, 2002), em que se verificou uma associação positiva entre a existência de adopções falhadas e um escasso suporte da rede social.

McCarty, Waterman, Burge e Edel (1999, cit. por McGlone, Santos, Kazaina, Fong, & Mueller, 2002), num estudo longitudinal, registam que, no primeiro ano pós-adoção, os níveis de stress dos pais adoptivos se encontram elevados. Muitos pais relatam que a adopção é mais difícil do que tinham imaginado, mas também mais recompensadora e satisfatória.

O stress parental em relação à adopção (Barth & Berry, 1988; McCarty et al., 1999, cit por McGlone et al, 2002; Rosenthal, 1993) surge sobretudo associado à interacção estabelecida entre pais-crianças, ao comportamento da criança, à coesão familiar, ao ajustamento à adopção e a problemas com o serviço de adopção.

Destaca-se a necessidade e pertinência de uma intervenção aprofundada dos serviços de adopção, no sentido de apoiar os pais adoptantes a enfrentarem os possíveis desafios e dificuldades que possam surgir (McGlone et al., 2002; Simmel, 2007).

Entre os diversos modelos existentes para enquadrar o stress vivido pelas famílias, destaca-se o Modelo ABCX Duplo (McCubbin & Patterson, 1983). Este modelo sugere que a forma da família se adaptar a um evento crítico está relacionado com a interacção entre os recursos familiares e a percepção que tem da situação.

McCubbin e Patterson (1983) estabelecem, ainda, a diferenciação entre *stress* e crise, concebendo o primeiro como um estado resultante de um desfasamento, real ou percebido, entre as exigências e as capacidades familiares, e o segundo como a perturbação e desorganização provocadas pela incapacidade momentânea de restaurar o equilíbrio familiar. De acordo com as suas próprias palavras, o *stress* poderia nunca alcançar as proporções de uma crise, caso a família fosse capaz de utilizar os recursos existentes e de definir a situação de modo a resistir à mudança e a manter a sua estabilidade.

O modelo ABCX Duplo enfatiza o funcionamento familiar como um sistema dinâmico e em constante interacção, em vez de se focar em elementos isolados e estáticos. Faz referência a três momentos: o momento pré-crise, o momento da crise e o momento pós-crise.

Neste modelo, no momento pré-crise destacam-se os seguintes elementos: factor de *stress* (acontecimento que pode induzir mudanças e gerar determinadas necessidades que precisam ser satisfeitas); os recursos (utilizados para lidar com os factores de stress de forma a satisfazer as necessidades dele recorrentes); a percepção (significados subjectivos que a família atribuí aos factores de stress, às necessidades dele decorrentes e ao seu impacto na família).

O momento da crise é visto como a desorganização e necessidade de mudança para recuperar a estabilidade. E, posteriormente, no pós-crise destacam-se os seguintes elementos: *stress pile-up* (o acumular de factores de stress, uma família pode experienciar diversos factores de stress e estes podem ocorrer em simultâneo); os recursos adaptativos da família (que podem ser: pessoais, intra-familiares ou sociais); e a redefinição da situação de crise (pode ser vista de dois ângulos distintos: oportunidade de crescimento ou disfunção).

Da conjugação dos recursos com as percepções, emerge o processo de “*coping*” familiar, isto é, um conjunto de interações intra-familiares e de transacções entre a família e a comunidade, com vista ao restabelecimento do reequilíbrio da unidade familiar.

De acordo com McCubbin e Patterson (1983), em situações de stress, existem três estratégias, às quais as famílias podem recorrer, para lidar com os factores de stress: evitamento (negar ou ignorar os factores de stress, na esperança de que desapareçam); eliminação (esforço activo da família para se desvincular das exigências do factor de stress, mudando-o ou removendo-o, ou alterando a definição que tem dele); e, assimilação (esforço da família para aceitar as necessidades/exigências criadas pelo factor de stress a sua estrutura e dinâmica).

Da mesma forma que as famílias podem recorrer a diferentes estratégias para solucionar as suas crises, também podem recorrer a diferentes processos activos e comportamentais para ajudá-los na adaptação a uma situação de stress (McCubbin, 1979, cit. por Burr & Klein, 1994). Estas diferentes estratégias podem estar associadas a diferentes áreas/níveis gerais: cognitivo; emocional; relacional; entre outros.

A investigação indica que os pais adoptivos têm um conjunto de características que os auxilia na hora de enfrentar as dificuldades. Normalmente são mais velhos, têm carreiras profissionais mais estabelecidas, com mais segurança financeira, são casados há mais tempo, têm maior sensibilidade conjugal e melhor comunicação. A chegada da criança é um momento tão esperado e desejado que acaba por trazer uma plenitude, capaz de amortecer os factores de stress associados à fase de integração/adaptação da família adoptiva (Brodzinsky et al., 1995; Palacios, 1998; Salvaterra & Veríssimo, 2008).

Os pais adoptivos, comparativamente com os biológicos, referem ter experiências mais felizes nos meses posteriores à chegada da criança, mostram-se melhor preparados para enfrentar o stress próprio da transição para a parentalidade e

com uma maior rede de apoio social, variável esta que se revela de grande importância na transição para a parentalidade (Palacios et al., 1996).

II - PROCESSO METODOLÓGICO

Com o presente capítulo, pretende-se apresentar as etapas que caracterizam o percurso metodológico desta investigação, pelo que o mesmo se encontra dividido em duas grandes secções: a primeira diz respeito ao enquadramento metodológico e nela se apresenta e descreve, sucintamente, o paradigma norteador desta investigação; e a segunda remete-nos para o desenho da investigação que constitui a estrutura do estudo, ou seja, a “cola” que une as suas partes principais - a questão inicial, os objectivos, a estratégia metodológica, a amostra, os instrumentos e os procedimentos utilizados para recolha e análise dos dados obtidos.

1. Enquadramento Metodológico

Toda a investigação se baseia num paradigma e utiliza um método para a sua realização. Considerando o objecto de estudo da presente dissertação, optou-se pela utilização do paradigma construcionista como *“sistema básico de valores e pressupostos que guiam o investigador, não somente na escolha do método, mas nos caminhos ontológicos e epistemológicos fundamentais”* (Guba & Lincoln, 1994, p.105).

De acordo com Guba e Lincoln (1994), para entender o paradigma de uma determinada investigação é importante, primeiramente, direccionarmos a atenção para três questões fundamentais e interligadas que o definem: a questão ontológica, a questão epistemológica e a questão metodológica.

A primeira questão, a ontológica, pode ser entendida como a “lente” pela qual o investigador procura encontrar respostas acerca da natureza do conhecimento e da natureza da realidade. De acordo com o paradigma em questão, a realidade tem um carácter relativista, tende a ser concebida não como um dado adquirido, mas como uma construção social (Locke, 2001), um produto da mente humana que resulta da cultura, da experiência e do sistema de valores em que os actores sociais estão imersos e que influencia a forma como cada um apreende o mundo (Denzin, 1992).

A questão epistemológica trata da natureza da relação entre o investigador e o objecto em estudo. Quanto a esta questão, o conhecimento gerado é subjectivo e

transaccional, ou seja, o que faz com que o conhecimento seja uma construção resultante da interacção do investigador com o objecto de estudo (Guba & Lincoln, 1994). A realidade é percebida subjectivamente pelos actores sociais, desempenhando os investigadores um importante papel de análise dos sistemas de símbolos e significados que os primeiros atribuem à realidade. A natureza das construções sociais sugere que as construções individuais só emergem e se refinam através da interacção entre investigador e objecto. Sendo, o nosso objecto de estudo, o discurso dos participantes desta investigação, é dele que retiramos os nossos dados de análise através da interpretação.

A última questão, a metodológica, vai para além da escolha das técnicas, deve em primeiro lugar incidir, segundo Guba e Lincoln (1994), sobre o modo de proceder do investigador de forma a chegar ao conhecimento que acredita ser possível obter. Pode afirmar-se que o paradigma construcionista baseia as suas características metodológicas nos conceitos da hermenêutica, análise e interpretação dos dados em função de conceitos teóricos, recorrendo também à dialéctica onde as construções individuais são privilegiadamente elicitadas, através das interacções sociais entre os participantes e o investigador (Guba & Lincoln, 1994). A natureza das construções sociais sugere que as construções individuais só emergem e se refinam através da interacção entre investigador e objecto de estudo.

Neste estudo, pretende-se compreender as dificuldades vivenciadas pelas famílias adoptivas, bem como, o processo de resolução subjacente a estas mesmas dificuldades. Neste sentido, considera-se relevante a realidade em que cada uma destas famílias está imersa. Assim sendo e, de acordo, com Schwandt (1994) deve ter-se em conta os significados subjectivos que atribuem à realidade e a forma como apreendem, compreendem e atribuem significado às suas experiências e realidade que as rodeia.

A presente investigação é de natureza qualitativa. E, nesta, não há necessidade de um grande número de participantes, uma vez que a opção é pela profundidade em detrimento da amplitude (Cezar-Ferreira, 2004). Partimos de uma metodologia qualitativa, pois pretendemos aprofundar os conhecimentos sobre as dificuldades vivenciadas pelas famílias adoptivas, sendo que o foco está nos processos e nos significados que se retiram dos próprios termos dos participantes, de forma a tentar capturar e compreender, com pormenor, as perspectivas e os pontos de vista singulares destes indivíduos sobre o fenómeno em estudo (Bogdan & Biklen, 1994).

Assim sendo, necessitamos de uma abordagem passível de proporcionar dados flexíveis e sensíveis aos contextos de vida dos indivíduos (Mason, 1996) de forma a explorar as experiências, os comportamentos, as emoções e as significações dos participantes, com vista a gerar ideias, conceitos, combinações, configurações e novos padrões de conhecimento (Dixon-Woods, Booth, & Sutton, 2007) que permitam construir um corpo de conhecimento rico e profundo de forma a alcançar uma maior compreensão sobre o fenómeno em estudo (Jacob, 1988; Miles & Huberman, 1994).

Ao optarmos pelo paradigma construcionista e privilegiando uma abordagem qualitativa, a presente investigação não tem por objectivo a previsão, através da verificação de leis ou a generalização de hipóteses, pretende, sim, desenvolver e aprofundar o conhecimento de uma dada situação num dado contexto. Em vez de se ter, à partida, um conjunto de hipóteses a testar, procura-se compreender o comportamento dos participantes no seu contexto (Bogdan & Biklen, 1994).

2. Desenho da Investigação

A presente investigação enquadra-se num estudo mais vasto sobre adopção¹ que pretende, através de um desenho qualitativo, analisar os processos relacionais em famílias adoptivas, bem como identificar áreas de força e de fragilidade no ajustamento à parentalidade adoptiva.

O nosso estudo é baseado numa amostra de famílias adoptivas e privilegia, pois, uma abordagem qualitativa de cariz exploratório.

2.1. Questão Inicial

Considerando o carácter exploratório do estudo, este parte de uma interrogação inicial que "...constitui o ponto de partida, a interrogação primeira. Interrogação inicial, essa. que contem já em si o fim, bem como o processo que liga o principio e fim" (Narciso, 2001, p.272). Assim sendo, partimos da seguinte questão:

Quais as principais dificuldades e padrões de resolução das dificuldades em famílias adoptivas?

¹A decorrer num serviço público de adopção em parceria com a Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, mais propriamente no âmbito da Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica.

2.2. Mapa conceptual

O mapa conceptual é uma representação gráfica ou narrada sobre os principais constructos em estudo e sobre a relação entre os mesmos (Narciso, 2001). Tendo em conta esta concepção, pretendemos apresentar e organizar as relações entre as variáveis em estudo, de uma forma dinâmica e interactiva, nunca nos desprendendo de uma lógica sistémica.

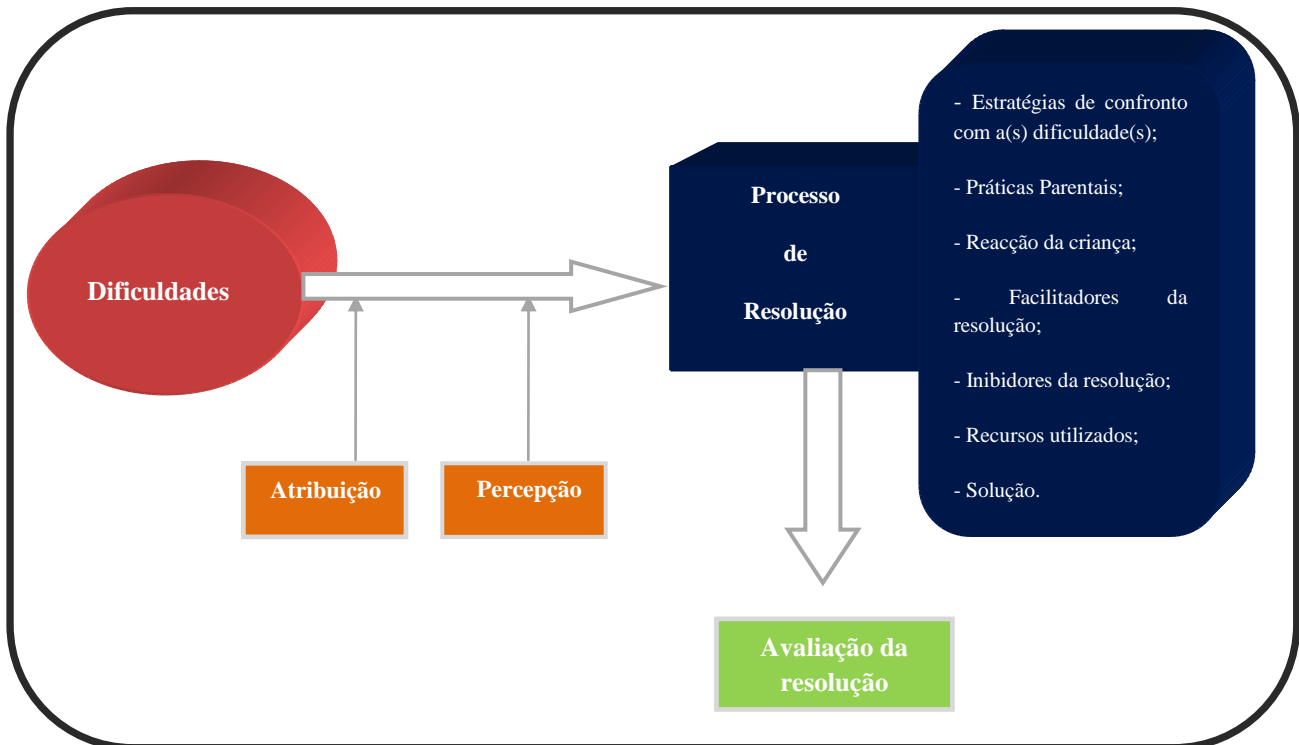


Figura 1. Mapa conceptual

2.3. Objectivos (gerais e específicos)

De acordo com as questões iniciais, e partindo de relatos ricos em vivências e significações das famílias adoptivas inquiridas, pretende-se, com esta investigação, aprofundar conhecimentos e compreender as dificuldades vivenciadas por essas famílias, o processo envolvido na resolução dessas dificuldades e a avaliação que as famílias adoptivas realizam das resoluções que aplicam a essas mesmas dificuldades. Para tal, delineararam-se os seguintes objectivos específicos:

- 1) Caracterizar as dificuldades vivenciadas pelas famílias adoptivas;
- 2) Analisar a atribuição que as famílias adoptivas fazem em relação às dificuldades que vivenciam;

- 3) Analisar a percepção que as famílias adoptivas têm das situações que vivenciam;
- 4) Investigar o processo de resolução das dificuldades;
- 5) Investigar a percepção da eficácia que as famílias adoptivas têm relativamente à resolução das dificuldades;
- 6) Avaliar a relação entre o tipo de dificuldade, a atribuição, a percepção, o processo de resolução e a percepção de eficácia.

2.4. Questões de Investigação

De forma a alcançar os objectivos propostos para a investigação, especificaram-se as seguintes questões de investigação:

Dificuldades

1. Quais os principais tipos de dificuldades que as famílias adoptivas experienciam?
2. Quais as principais atribuições que as famílias adoptivas fazem em relação às dificuldades que vivenciam?
3. Quais as principais percepções que as famílias adoptivas têm das situações de dificuldade?

Processo de Resolução

4. Quais os principais tipos de estratégias de confronto utilizados?
5. Quais as principais características ou condições existentes nas famílias adoptivas que facilitam/inibem o processo de resolução das dificuldades?
6. Quais as principais práticas parentais envolvidas no processo de resolução de dificuldades?
7. Quais as principais reacções das crianças adoptadas, relativamente ao processo de resolução das dificuldades?

Avaliação da resolução

8. Qual a avaliação que as famílias adoptivas fazem da resolução das dificuldades que vivenciam?

2.5. Estratégia Metodológica

2.5.1. Selecção da Amostra e Caracterização

A amostra utilizada neste estudo foi recolhida através de uma técnica de amostragem: 1) não probabilística, demonstrando que cada elemento da população não tem a mesma probabilidade de vir a fazer parte desta amostra, ou seja, a nossa amostra não pretende ser representativa da população. A selecção dos casos privilegia a sua importância para o tema em estudo ao invés da sua representatividade; 2) de conveniência, porque são escolhidos os sujeitos que preenchem os parâmetros relevantes para o fenómeno em estudo (Daly, 2007).

A amostra em estudo corresponde a um recorte da amostra total de casais adoptantes, os quais foram seleccionados através da sua resposta positiva a um pedido formalizado de colaboração.

A amostra utilizada para a realização desta investigação é composta por dezassete participantes, sete casais adoptantes e três adoptantes singulares, sendo este último grupo composto por dois elementos do sexo feminino e um elemento do sexo masculino.

A média de idades dos participantes do sexo masculino é de 50 anos e a média de idades das participantes do sexo feminino é de 46 anos. Apenas um participante do sexo masculino refere ter formação entre o 10º-12º ano de escolaridade, a restante amostra frequentou o ensino superior.

A duração média dos casamentos nesta amostra é de 14 anos.

A média dos filhos adoptados é de 7 anos, sendo que um casal tem também filhos biológicos e outros dois participantes do sexo masculino referem ter filhos biológicos de relacionamentos anteriores.

2.5.2. Instrumentos Utilizados

2.5.2.1. *Questionário Sócio-Demográfico*

O questionário sócio-demográfico² pretende reunir informações complementares que permitam contextualizar a informação recolhida com as entrevistas, de forma a conhecer as características pessoais dos indivíduos inseridos na amostra que podem ser relevantes para a interpretação dos resultados.

As questões deste questionário pretendem recolher informação, no que diz respeito ao sexo, formação académica, origem étnica, idade, profissão actual, zona de residência habitual, estado civil, com quem habita, número de filhos biológicos, filhos adoptivos ou enteados e respectivas idades, acompanhamento psicológico ou psiquiátrico e religiosidade.

2.5.2.2. *Entrevista Semi-estruturada*

A entrevista, é uma forma específica de comunicação interpessoal com um propósito sério e com objectivos definidos, que utiliza perguntas e respostas e pretende partilhar informação. Este é um método de grande utilidade na recolha de informação, devido à riqueza de informação a que dá acesso (Denzin & Lincoln, 2003; Silverman, 2000). Mas, tal como outras formas de interacção social, os níveis de estruturação de uma entrevista, bem como o clima emocional em que decorre, podem variar entre um nível máximo e um mínimo, podendo as entrevistas ter a designação de abertas, semi-estruturadas ou estruturadas (Poch & Talarn, 1991, cit. por Leal, 2008).

Nesta investigação, o tipo de entrevista que se coaduna com os objectivos que pretendemos alcançar é a semi-estruturada, dado que a mesma é guiada por objectivos pré-definidos que acompanham o curso da comunicação e é orientada para captar conteúdos específicos e vivências pessoais (Leal, 2008).

Para a presente investigação, foi utilizado um guião de entrevista semi-estruturada, que se encontra dividido por blocos temáticos³. Das temáticas presentes no

²Ver Anexo A.

³ As questões incidem, por exemplo, nas primeiras memórias/contactos com o filho, período de pré-adoção, fase de integração e adaptação, reacção de familiares e amigos, principais dificuldades (esperadas ou imprevistas), estratégias e práticas educativas, desenvolvimento da criança a vários níveis, adaptação escolar, relação com os pares, recursos da família, impacto da adopção no quotidiano do adoptante, celebração de aniversário biológico e/ou data de adopção plena, rituais familiares, projectos para o futuro em termos de adopção, necessidades sentidas pelas famílias adoptivas e conselhos para pais que adoptaram recentemente.

guião, foram utilizadas apenas as que se consideram pertinentes e que se enquadram nos objectivos desta investigação de: aprofundar conhecimentos e compreender as dificuldades vivenciadas por famílias adoptivas, o processo envolvido na resolução dessas dificuldades e a avaliação que estas famílias realizam das resoluções que aplicam a essas mesmas dificuldades.

2.5.3. Procedimento de Recolha de Dados

Através do serviço público de adopção, onde se encontra a decorrer um estudo mais vasto do qual a presente investigação faz parte, efectuaram-se os primeiros contactos com as famílias que adoptaram crianças entre o ano de 2004 e 2007. Foi obtida a permissão para aceder aos processos dos adoptantes, de modo a contactá-los para que pudesse ser solicitada a sua colaboração no estudo. Explicaram-se os objectivos e propósitos do mesmo e foram assegurados a confidencialidade e o anonimato dos participantes, bem como dos dados recolhidos.

Por contacto telefónico, realizado pela orientadora da dissertação, foi verificada a disponibilidade dos casais e singulares adoptantes para a participação no estudo e agendou-se a data e local para realização da entrevista e para o preenchimento dos instrumentos que integram o protocolo de investigação. Do protocolo utilizado para a investigação aqui descrita, foram utilizados o questionário dos dados sócio-demográficos e a entrevista semi-estruturada.

Nas entrevistas estiveram apenas presentes a investigadora responsável - orientadora de tese - que conduzia a entrevista, e o casal ou o singular adoptante.

Com o consentimento dos participantes, as entrevistas foram gravadas em áudio e têm uma duração média de setenta e cinco minutos. Posteriormente, procedeu-se à transcrição das mesmas na sua globalidade.

2.5.4. Procedimento de Análise de Dados

Após a transcrição das entrevistas realizadas, foram seleccionados todos os episódios, narrados pelos pais, que ilustravam dificuldades vivenciadas e o seu processo de resolução. Iniciou-se, seguidamente, o processo de codificação através do *software* Nvivo 8. Com recurso a este *software*, procedeu-se à construção das categorias e à codificação das unidades de análise.

Como estratégia metodológica da investigação qualitativa, seguimos a *grounded theory* que utiliza um conjunto sistemático de procedimentos que permite estudar em

profundidade um dado fenómeno, inserido no seu contexto natural, e de forma indutiva, gerar teoria a partir dos dados sobre um dado fenómeno (Strauss & Corbin, 1998).

Assim, numa primeira fase, codificaram-se as entrevistas, com o objectivo de rotular os fenómenos que foram surgindo através das próprias palavras dos participantes e que vão ao encontro dos objectivos pretendidos.

As cinco categorias superiores (Dificuldades Vivenciadas, Percepção, Atribuição, Processo de Resolução, Avaliação e Solução) foram formuladas de forma a corresponderem à questão inicial de investigação. Posteriormente, procedeu-se, então, à codificação aberta de todas as unidades de sentido de cada entrevista (referências relativas a cada episódio), de modo a procurar sub-categorias emergentes, as quais foram, num segundo momento, analisadas e relacionadas (Strauss & Corbin, 1998).

Construiu-se uma árvore de categorias, constituída por “categorias-mãe”, que abrangem as “categorias-filha” relacionadas. A árvore de categorias final é produto de um processo contínuo de construção, desconstrução e reconstrução da mesma, de acordo com a necessidade de adaptação aos dados que foram surgindo.

Ao longo do capítulo seguinte, procederemos a uma descrição mais exaustiva das categorias emergentes.

3. Apresentação e Discussão de Resultados

Partindo do objectivo de aprofundar conhecimentos e compreender as dificuldades vivenciadas por famílias adoptivas, o processo envolvido na resolução dessas dificuldades e a avaliação que estas famílias realizam das resoluções que aplicam a essas mesmas dificuldades, foram elaboradas diversas questões de investigação. É com base nestas que o presente ponto se encontra estruturado.

Realizou-se uma análise compreensiva inter-casos com o propósito de elaborar possíveis respostas às questões de investigação, para as quais, agora, se analisam e discutem os resultados.

3.1.1. Quais os principais tipos de dificuldade que as famílias adoptivas experienciam?

Com base nos dados obtidos, é possível pressupor que as dificuldades vivenciadas e experienciadas pelas famílias adoptivas se iniciam antes da chegada da

criança, ou seja, *no período prévio à adopção* (15,8%). Os episódios descritos referem que a *fonte* desta dificuldade é, maioritariamente, *extra-familiar* (12,5%) e diz respeito à *reação negativa da família alargada* (37,5%) quando os pais comunicam a sua decisão de adoptar⁴.

A literatura refere que, quando os candidatos anunciam a sua intenção de adoptar, recebem menos suporte da família alargada (Palacios, 2000; Singer et al., 1985) e que a reacção desta é, por vezes, marcada por uma certa dúvida, relutância e frieza iniciais (Ferreira et al., 2004).

Os episódios em que as famílias adoptivas descrevem as suas dificuldades, intensificam-se no período da *pré-adopção* (57,9%). Este início da vida familiar adoptiva é encarado como um período de crises normativas que requer ajustes significativos, no qual o casal terá de (re)ajustar o relacionamento entre si, estabelecer regras parentais e criar novas regras de funcionamento familiar (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002). As dificuldades referidas pelos pais surgem, na sua maioria, no seio *intra-familiar* (87%). Relatam que sentiram dificuldades no *ajustamento à parentalidade*, principalmente no *estabelecimento e imposição de regras* (70%) e na *reorganização de rotinas* (20%). Referem, também, dificuldades com as *características da criança* (43,5%) e a *adaptação* (28,3%) desta à nova família.

McGlone e colaboradores (2002) realizaram um estudo com pais adoptivos e concluíram que características particulares das crianças se tornavam num dos factores de dificuldade e *stress* para estes pais.

Neste período, de integração/adaptação familiar, os pais adoptivos referem como principais *tipos de dificuldade*, o *comportamento* (73,9%) e as *atitudes* (17,4%) das crianças. Verificaram-se, também, embora em menor número, alguns relatos relacionados com o *temperamento da criança* (4,3%).

⁴**E:** *E houve alguma dificuldade que vocês não estivessem à espera e que tivesse acontecido?*

B.65: *Da parte do meu pai, principalmente. Porque quando nós dissemos que íamos adoptar, independentemente de podermos ter filhos biológicos ou não, o meu pai rejeitou completamente.*

R.65: *Rejeitou completamente a ideia.*

B.66: *(...) O meu pai disse logo: “Ah, vá chamar avô a outro!!!”.*

A literatura divide-se quanto a este tema. Vários autores (Brodzinsky, 1987; Brodzinsky et al., 1984; Brodzinsky & Schechter, 1990; Levy-Shiff, 2001) referem que, quando comparadas crianças adoptadas com crianças não adoptadas, as primeiras demonstram níveis mais baixos em algumas medidas físicas, psicológicas e escolares, tendem a ter mais problemas na alimentação e sono e a desenvolver problemas de ajustamento do comportamento. Por outro lado, Benson, Sharma e Roehlkepartin (1994, cit. por Wilson, 2004) e Hodges (2005), também realizando estudos comparativos com crianças adoptadas e não adoptadas, referem que quando se verificam diferenças, estas são pouco significativas.

Relativamente ao *comportamento*, a maior dificuldade surge associada às *birras* (55,9%), e estas são, na sua maioria, uma forma de *protesto* (89,5%) quanto a algo que a criança quer fazer, mas os pais não deixam. Ainda na categoria *comportamento*, surgem relatos sobre o *choro* (14,7%), o *gritar* (11,8%), o *mentir* (8,8%) e o *agredir* (8,8%). Na categoria *atitudes*, destacam-se as *provocatórias* (40%) e as de *contestação* (60%). Os pais referem que, nos primeiros meses, sentiam que alguns dos comportamentos dos seus filhos tinham como intuito testar limites e até testar o amor dos pais⁵.

Os comportamentos e atitudes mais problemáticos podem estar relacionados com sentimentos de insegurança e medo, por parte da criança. Molina (2002) conduziu um estudo em que as dificuldades de vinculação e apego à nova família foram explicadas, em parte, pelo medo que as crianças sentiam de perder a sua família. Os resultados demonstram que este medo se apresentou em 41% da amostra e persistiu em 42% das crianças (até ao momento do estudo), concluindo que não é um medo fácil de desaparecer. Tendo a necessidade de assegurar que não serão abandonadas novamente, os comportamentos apresentados pelas crianças, podem servir de teste para perceberem se os seus pais adoptivos de facto gostam delas ou não (Mascarenhas & Alarcão, 2002).

É possível que este aumento de problemas relacionados com a adopção, nomeadamente as demonstrações comportamentais mais desadequadas, por parte das crianças, possa ser resultado de um processo normativo de desenvolvimento no qual a

⁵ *M.5 – (...) e queria ver até onde é que podia ir. Por exemplo, nessa altura, em casa, ela abria a porta e dizia: “Vou-me embora” e fez isso uma vez. Não fez duas, proibi-a completamente de abrir a porta e de ir para a rua sozinha. Mas era aquela coisa: “Gostam de mim o suficiente para impedir isto? (...) Impedir que eu queira ir para a rua e ir-me embora?”. Ela não fazia ideia do que estava a fazer, mas assim é que se traduzia*

criança começa a aceder e integrar determinadas situações sobre a sua própria vida (Wilson, 2004).

Dois dos pais adoptantes singulares, uma mãe e um pai, adoptaram crianças com histórias prévias de rejeição em adopções anteriores, e, numa delas, o pai relata que o seu filho tinha sido alvo de comportamentos violentos. Estes pais não relataram ter mais dificuldades que a restante amostra, contrariando alguns dados que revelam que a acumulação de experiências, vivências e acontecimentos menos favoráveis podem resultar num impacto negativo na família adoptiva, aumentando as dificuldades no seu ajustamento, complicando as relações pais-filhos e o funcionamento familiar (Hodges, 2005; Palacios, 2000; Rosenthal & Groze, 1990).

Neste período de *pré-adopção*, um dos casais refere que, numa situação de maior dificuldade em lidar com o comportamento do filho, procurou *apoio* e informação junto do *serviço de adopção* (12,5%) e não obteve a ajuda de que necessitava, enquanto outro refere que o *lar de acolhimento* (12,5%) em que a criança se encontrava não lhe forneceu *informação relevante sobre a história da criança*. Frequentemente, as famílias adoptivas tendem a sentir-se desamparadas por parte destes serviços (Hodges, 2005; Reynolds & Medina, 2008).

Os pais tendem a relatar níveis de stress mais elevados (McGlone et al., 2002) durante o primeiro ano, revelando que passaram por alguns momentos complicados e difíceis aos quais tiveram de se adaptar, mas mostram-se satisfeitos com a experiência da adopção e com os vínculos afectivos que estabeleceram com os seus filhos.

Vários autores (Barth & Berry, 1988; McCarty et al., 1999, cit por McGlone et al, 2002; Rosenthal, 1993) referem que o stress parental em relação à adopção surge associado: à relação estabelecida entre pais-crianças, ao comportamento da criança, à coesão familiar, ao ajustamento à parentalidade e a dificuldades relativas ao serviço/sistema de adopção. A amostra, em estudo, apenas relata episódios de dificuldade em três das variáveis acima mencionadas: *ajustamento à parentalidade*, *dificuldades com o serviço/sistema de adopção* e *comportamento da criança*, sendo este último aquele que é mais referido como gerador de stress. Não são relatadas quaisquer dificuldades no estabelecimento da relação entre pais-criança, nem ao nível da coesão familiar.

No período *pós-adopção* (26,3%), os episódios relatados estão ainda relacionados com as *características*, *comportamentos* e *atitudes*, mas tendem a ser relatados como menos stressantes, uma vez que os pais já se encontram mais ajustados à

parentalidade, as regras já se encontram definidas e já existe um laço afectivo estabelecido. Nesta fase, tende a surgir um outro *tipo de dificuldade*: a *comunicação sobre a adopção*. Uma das tarefas suplementares da família adoptiva prende-se com as conversas sobre a adopção com os filhos (Brodzinsky et al., 1998; Brodzinsky & Pinderhughes, 2002; Palacios, 2000). Dos episódios relatados sobre a *comunicação sobre a adopção*, embora numa pequena percentagem (4,6%), são referidas algumas dificuldades, nomeadamente da parte das crianças que tendem a *recusar* falar sobre o assunto. Os pais parecem estar relativamente tranquilos e preparados para responder às questões dos seus filhos.

Embora não tenham sido contextualizadas temporalmente, foram descritas algumas situações em que os pais adoptivos foram confrontados com *comentários desagradáveis e depreciativos, por parte da família alargada* (12,5%) e da *rede social* (12,5%), o que revela o estigma social que a adopção parece ainda evocar no presente (Ferreira et al., 2004).

As maiores dificuldades vivenciadas pelos pais adoptivos dizem respeito a problemas intrínsecos à criança, ausência de suporte dos sistemas informais e formais, e discriminação por parte do exterior (Reynolds & Medina, 2008).

3.1.2. Quais as principais atribuições que as famílias adoptivas fazem em relação às dificuldades que vivenciam?

De acordo com os episódios recolhidos, podemos verificar que as famílias adoptivas tendem a atribuir as suas dificuldades a *características pessoais da criança* (69,9%) e fazem, também, atribuições de *causalidade* (30,4%) entre o comportamento actual da criança e o seu passado⁶.

⁶ D.17 – *Foi com a teimosia, ele é muito, muito teimoso. Os outros pais costumam dizer: “ah, mas eles são todos assim!”. Pois, eu também acho que devem ser todos um bocado teimosos, mas depois há uns que são mesmo muito teimosos e ele é mesmo muito teimoso. Sempre foi assim e ainda é hoje. E é uma teimosia que nós...que eu, pessoalmente, acho que deriva de uma raiva contida que ele tem...*

V.18 – *E pronto, e isto tudo, pensamos nós, que é agravado com o percurso que ele teve anteriormente e com dois anos numa instituição, em que aquilo é um bocado...por muito bem que aquilo funcione, é sempre uma sobrevivência para eles. E, portanto, este “esticar da corda” é muito mais intenso do que numa criança que nasce...portanto cresce desde bebé num determinado ambiente. Mas estávamos bem*

A acumulação de experiências, vivências e acontecimentos menos favoráveis que as crianças experienciaram podem ter impacto na família adoptiva (Hodges, 2005; Palacios, 2000; Rosenthal & Groze, 1990). Os próprios pais referem que já estavam atentos a esta situação. Talvez o facto de estarem tão centrados nos problemas ou situações que podem surgir, bem como as suas tentativas de antecipar possíveis situações ou dificuldades, possam fazer com que estejam menos atentos à sua própria influência, delegando, maioritariamente, esta responsabilidade para a criança (Soler, 2007). Tal confirma-se nos dados recolhidos, pois os pais não fizeram atribuições a características ou influências suas nas dificuldades experienciadas.

Num estudo conduzido por Domingo (2008), algumas mães atribuíram as dificuldades a aspectos genéticos como forma de explicar e justificar o comportamento da criança. Na amostra em estudo, tal nunca foi referido. Em nenhum dos relatos recolhidos surgiram referências às famílias biológicas das crianças.

3.1.3 Quais as principais percepções que as famílias adoptivas têm das situações de dificuldade?

Dos episódios relatados pelos participantes foi possível apurar que os pais percebem as dificuldades de três formas: *só positiva* (53,3%), *só negativa* (33,3%) e *ambivalente* (20%).

As percepções positivas estão associadas a acontecimentos relativos a dificuldades que surgiram, mas que os pais já esperavam como, por exemplo, a reorganização de rotinas. Os pais referem que, com a chegada de criança, tiveram de reajustar algumas das suas actividades/prioridades, mas que já sabiam que assim o seria⁷.

avisados que as coisas iam acontecer, mas de qualquer maneira nunca sabíamos exactamente, nunca é possível saber exactamente como é que vai ser (risos). Esse primeiro mês foi complicado.

⁷ **P33** – *Não fazem... ah... tínhamos, enfim, tínhamos uma liberdade absoluta relativamente aos momentos livres. Eu gosto muito de fazer um conjunto de coisas e que agora faço menos vezes, porque... porque tenho outras responsabilidades e... e a G a mesma coisa, também fazia outras coisas que neste momento faz menos porque tem aquela responsabilidade... acrescida. Naturalmente que não vemos isso como... como uma limitação, ou como uma diminuição, vemos isso com naturalidade e porque naturalmente, as coisas são diferentes e como são diferentes... nós já sabíamos que eram diferentes, para nós não é novidade ah... este... este “estádio”, apesar de...*

O facto de os pais já estarem preparados para determinadas situações pode fazer com que a percepção das situações, mesmo que estas causem algum impacto negativo, seja, no geral, mais positiva. O facto de os pais reconhecerem as dificuldades associadas à transição para a parentalidade, pode resultar numa aceitação de mudanças significativas que ocorrerão no seu quotidiano.

A predominância de percepções positivas nas famílias adoptivas, talvez possa estar associada ao trabalho realizado juntos dos técnicos do serviço de adopção, que dotou os pais de expectativas parentais mais realistas e os preparou para possíveis dificuldades (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002). Para além deste trabalho prévio com os pais, também se pode considerar importante a relação que estes mantêm, posteriormente, com os técnicos do serviço de adopção. Quando as relações são positivas e os pais podem contar com os técnicos para dúvidas e conselhos, estes tendem a sentir-se mais seguros, o que se pode reflectir positivamente na percepção que têm de todo o processo.

O facto de as entrevistas terem sido realizadas num período de pós-adopção em que pais e filhos já se encontravam com laços afectivos estabelecidos, regras e limites estabelecidos, em que os momentos de maior stress originados pelo período de adaptação-integração já estavam, maioritariamente, ultrapassados pode justificar uma percepção mais positiva sobre as situações de dificuldade já ultrapassadas.

As percepções negativas surgem, na sua maioria, mais ligadas a factores *extra-familiares*, como a reacção negativa da família alargada, aquando da comunicação da decisão da adopção. Surgiu, também, um episódio relatado por uma mãe que refere não ter tido, por parte dos técnicos do serviço de adopção, informação importante sobre o seu filho. O facto de os pais não disporem de informação importante, sobre as crianças, pode deixá-los, em alguns aspectos, mais inseguros o que pode reflectir-se na forma negativa como tendem a perceber determinadas situações. Assim sendo, talvez um dos factores que influencia a percepção relativamente às dificuldades vivenciadas, sejam as relações que se estabelecem entre os pais adoptivos e os técnicos do serviço de adopção.

As percepções ambivalentes, resultam de episódios em que os pais agiram de determinada forma com as crianças, que, na altura, lhes pareceu a mais correcta, embora uma análise posterior lhes tenha suscitado dúvidas.

Podemos constatar que pais adoptivos apresentam percepções positivas, principalmente no que diz respeito à sua adaptação à parentalidade (Levy-Shiff et al.,

1991). Os pais parecem ter percepções mais positivas sobre as dificuldades que surgem no seio *intra-familiar* em que o controlo que têm sobre elas é maior, do que de situações associadas ao meio *extra-familiar*.

3.1.4. Quais os principais tipos de estratégias de confronto utilizados?

Através dos episódios relatados pelos participantes, observou-se que estes integram e aceitam as exigências criadas pelas situações de dificuldade, recorrendo a estratégias de *assimilação* (100%)⁸.

Não existe nenhum episódio em que se percepcione, por parte dos participantes, a necessidade de ignorar ou negar essas dificuldades - *evitamento* - ou até de se livrarem das exigências e necessidades criadas pela dificuldade - *eliminação* - (McCubbin & Patterson, 1983).

⁸*E: E nessa altura quando... nesses primeiros meses, que foram talvez os mais difíceis...*

X.37: Foram muito difíceis, não foram nada fáceis.

E: Como é que ele reagia quando vocês o castigavam?

X.38: Gritava. Houve dias, nos primeiros dias, gritava aqui e ouvia-se lá em cima no quinto andar.

(...)

E: E depois como é que se resolvia? Como é que tudo isso acabava?

X.41: Eu deixava-o gritar até ele se cansar.

E: Hum, hum.

X.42: Fazia-o ver que estava mal, e voltava a bater na mesma tecla. E dizia-lhe que não. Até que ele se cansou de gritar. Quando ele se cansou, começámos então a perceber, ele começou a perceber quais eram as regras, pronto. Tinha que cumprir algumas coisas, que a gente lhe deixava outras, mas não podia ser ele a impor as regras cá dentro da nossa casa.

(...)

X.47: Era uma mudança, ahhh... deu-me algumas dicas, poucas, mas eu para lhe dizer sinceramente, eu acho que tive... tivemos que nos virar.

E: E como?

X.48: Foi assim mesmo, foi assim, negociando.

E: Mas falavam um com o outro?

X.12: Sim.

X.49: Sim, negociando e dizendo “Nós não vamos ceder, nós não podemos ceder” ...

Para além disso, os pais adoptivos experienciaram mais desafios e dificuldades no período prévio à adopção, o que os pode ter equipado de melhores estratégias e competências de resolução de problemas (Levy-Shiff et al., 1991).

Desta forma, podemos afirmar que os participantes do presente estudo demonstram capacidade de integrar e enfrentar os desafios inerentes à parentalidade, por meio da mobilização de estratégias adaptativas de resolução das dificuldades (Farber et al., 2003).

Tal pode estar relacionado, também, com as características da própria amostra, uma vez que a média de idades dos participantes é de, aproximadamente, quarenta e oito anos e a maioria tem formação académica superior. O facto de os pais adoptivos serem mais velhos, com formação académica superior e uma maior estabilidade profissional, pode reflectir-se na sua capacidade de desenvolverem estratégias mais eficazes para lidar com várias fontes de stress associadas à vida familiar (Brodzinsky, 1987; Brodzinsky & Pinderhughes, 2002; Palacios, 2000).

No entanto, alguns autores (Brodzinsky & Huffman, 1988) alertam para o facto das famílias adoptivas tentarem passar uma imagem mais positiva do seu funcionamento familiar, do que este é na realidade. Talvez esta seja uma forma de negarem os seus problemas e dificuldades e mostrarem, tanto a si como aos outros, que a sua capacidade parental não difere da capacidade parental das famílias biológicas.

3.1.5. Quais as principais características ou condições existentes nas famílias adoptivas que facilitam/inibem o processo de resolução de dificuldades?

Embora os participantes relatem vários episódios em que se debateram com dificuldades, muitos também são os relatos que fazem sobre características, situações, momentos e pessoas que facilitaram e amorteceram as dificuldades vividas.

Como já foi referido, os participantes têm um conjunto de características que parecem facilitar a resolução de dificuldades: a idade que lhes confere maturidade e experiência de vida, a formação académica superior e a estabilidade profissional.

Nas situações do quotidiano, existe uma diferença entre os casais e os singulares da amostra. Os adoptantes singulares reflectem e tomam as suas decisões sozinhos e, em situações mais complicadas, recorrem, em maior grau que os casais adoptantes, a recursos *extra-familiares*. Procuram suporte na sua rede de apoio informal (família alargada e amigos).

Os casais que fazem parte da amostra (estão casados, em média, há 14 anos) referem as *forças conjugais* como recursos no processo de resolução de dificuldades e na manutenção da estabilidade familiar (Relvas & Alarcão, 2002). Primeiro, discutem entre si e *decidem em conjunto* (27,3%) qual a melhor solução para o problema que estão a vivenciar e partilham as responsabilidades nas decisões tomadas. Em situações de discórdia, principalmente no que diz respeito a assuntos que envolvem a criança e quando esta está presente, tentam *não desqualificar as decisões* que um toma quando o outro não concorda e, mais tarde, sem a presença da criança, num *diálogo privado*, resolvem a situação. Uma participante refere, também, o *tempo da relação* como um recurso no processo de ajustamento à parentalidade⁹.

Num primeiro plano, quer os casais, quer os singulares, resolvem as situações no seio *intra-familiar* e da forma que lhes parece ser mais eficaz. Os participantes referem que recorreram, também, a *experiências prévias* (11,8%) que tiveram com crianças da sua família e com filhos de amigos e que esses conhecimentos facilitaram a resolução de algumas dificuldades. Também referem que *procuram informação* (25%) sobre a temática da adopção e recorrem a livros, de forma a auxiliá-los a desmistificar determinados assuntos¹⁰.

A grande maioria dos participantes (76%), quando questionados sobre a sua religiosidade, no preenchimento do questionário sócio-demográfico, referiram ser religiosos e crentes-praticantes, mas apenas um dos casais referiu a *religião* como um recurso¹¹.

Este casal foi o único que não referiu ter tido dificuldade a nível da

⁹ **R.125:** *Acho que se calhar, se fossemos mais novos, teria feito mais tensão na relação*

¹⁰ **Y137:** *Agora temos isto, temos andado a ler.*

W93: *Agora a Y. comprou este livro...*

Y138: *Este livro é muito muito bom e fala nestas coisas em que nós pensamos: “Que horror! Eu sou um bicho raro e afinal...”.*

¹¹ **E -** *O que é que vocês acham que vos ajuda, ou tem ajudado... Portanto, o S. é um menino cheio de competências pelos vistos, mas vocês também têm as vossas competências, se não fossem bons pais o S. não seria assim. O que é que vos ajuda como pais. O que é que vos tem ajudado? Onde é que vão buscar aquilo que fazem, a maneira como são com o S.?*

U.27: *Nós também somos cristãos, somos evangélicos. E também baseamos um bocado a nossa conduta nessas bases. Essencialmente é isso.*

parentalidade, grande parte dos episódios que descreveram são situações positivas que envolvem o seu filho. Todo o processo parece ter sido sereno sem grandes momentos geradores de stress. Os resultados de Belanger, Copeland e Cheung (2008), num estudo em que pretendiam avaliar qual a relação entre a religiosidade e o stress parental dos pais adoptivos, parecem, aqui, fazer sentido, pois concluíram que a religiosidade é inversamente proporcional aos níveis de stress nos pais adoptivos.

Os pais mencionam que *características pessoais suas* (21,1%), como a paciência, persistência, tranquilidade, maturidade, entre outras, os ajudam em momentos mais stressantes. Alguns pais referem que, em parte, a profissão que exercem também lhes forneceu características e estratégias que auxiliam em situações de dificuldade. Um adoptante singular refere que a sua profissão o ajuda a lidar com situações de stress¹². Num casal, a mãe refere que a sua profissão a ajuda a lidar com as birras do seu filho¹³.

As *características das crianças* (52,1%) também são apontadas, pelos pais, como facilitadoras de resolução de dificuldades: o facto de serem *carinhosas, afectuosas, sociáveis, autónomas e obedientes*¹⁴.

Os pais adoptivos parecem ter conseguido criar um ambiente propício às necessidades dos seus filhos e à formação de vínculos afectivos fortes. Em

¹² *E – E acha que há características suas que ajudam a lidar com estes conflitos, com os problemas, com as próprias tropelias do dia-a-dia?*

N.27 – (...) eu sou comercial, portanto, estou habituado, entre outras, ao stress.

¹³ *E - Portanto, essa é uma medida que vocês utilizam várias vezes? Mandá-lo pensar?*

B.22 - Sentar, pelo menos para acalmar.

E - Onde é que aprenderam essa estratégia?

B.23 - É assim, na minha profissão.... Pronto, normalmente funciona, ele acalma-se.

¹⁴ *P.95 – É uma criança muito ternurenta. Ele gosta muito dos pais, ele... está ao colinho, aos beijinhos, ah...*

G.102 – Sabe, já tem acontecido, ele está no escritório ou no computador e nós estamos na sala e vai ver se estamos... ou às vezes estamos na mesa e ele levanta-se para ir buscar não sei quê, e depois chega e diz: “Adoro-vos!”... É estas coisas muito queridas.

consequência disso, é visível em alguns dos episódios relatados pelos pais que as crianças desenvolveram *sentimentos de pertença* (13%) à nova família¹⁵.

Na comunicação com as crianças sobre a adoção, os pais tendem a demonstrar-se *tranquilos* e tentam criar condições e dar suporte à exploração adequada das questões relacionadas com a adoção. Utilizam, gradualmente, algumas estratégias: *introduzem termos* (14,3%) como “adoptado”; “adoção” (entre outros) nas conversas que vão estabelecendo com as crianças; *partilham com a criança a história da adoção* (28,6%); e *incorporam a adoção na identidade da criança* (28,6%). Alguns pais relatam que os seus filhos tendem a *recusar* falar sobre a adoção e referem respeitar a decisão das crianças, demonstrando-se disponíveis para o fazer quando estas se sentirem mais preparadas. De qualquer forma, os pais não deixam de falar por completo no assunto, e referem que, subtilmente, vão fazendo tentativas. Um casal partilhou um episódio que envolvia o seu filho e outra criança adoptada. Esta amizade/*contacto com outra criança adoptada* pode resultar num recurso para o filho deste casal (e para o seu amigo) e facilitar o *processo de comunicação sobre a adoção*¹⁶.

Os pais assinalam que o *apoio*, a *aceitação* e o *envolvimento* por parte das *família alargada* e dos *amigos* são *facilitadores* no processo de resolução de dificuldades, principalmente no período de *pré-adoção* em que as dificuldades são maiores. Relativamente à *família alargada*, na maioria dos casos, esse apoio foi experienciado logo no momento em que os adoptantes comunicaram a sua decisão de

¹⁵**G.267** – *Sem excepção de espécie alguma. Até... até acho que às vezes torcem mais um bocadinho por ele do que pelos outros, não é?*

G.268 – *Todos gostaram e ficaram muito satisfeitos e depois, ele gosta muito deles também. Porque ele pensa na família como a família: -“É a minha família!”, “Esta é a minha família!”...*

¹⁶**D.105** – *Mas, no outro dia, soubemos de um episódio...porque na turma dele, curiosamente, há três miúdos adoptados, é ele e mais dois...*

(...)

D.106 - *Que coincidência! E um deles...ele faz anos dia 23 de Dezembro e o outro a 27, nasceu no mesmo ano com quatro dias de diferença, e estava a falar com a mãe dele, quando fui lá buscá-lo à escola... e então estava lá a mãe do outro e disse: “no outro dia, o P. veio-me dizer que estiveram os dois a falar, a esclarecer estas coisas de serem adoptados e não sei quê” (risos).*

adoptar, enquanto, noutros casos, esse apoio foi surgindo progressivamente. Um casal que experienciou, por parte da família alargada, uma *reação negativa*, aquando da comunicação da adopção, revela que no momento da chegada da criança, a reacção foi positiva, o que se reflectiu num maior *envolvimento e suporte* por parte da *família alargada*¹⁷.

O *envolvimento, apoio e suporte* por parte das *famílias alargadas*, quer seja imediato ou progressivo, revela-se de grande importância nos processos de adopção analisados, embora, no início, estes funcionem, na maioria, como *facilitadores* de integração/adaptação quer dos pais, quer das crianças, tornam-se, mais tarde, em *recursos* que os pais tendem a mobilizar.

Os pais referem que, em situações mais difíceis, *recorrem aos conselhos* e troca de *experiências* com os seus familiares, principalmente os que também têm filhos.

Relativamente aos *amigos*, todos os participantes relatam que o *apoio* e a *aceitação*, quer no momento em que revelaram a sua decisão de adoptar, quer nos períodos seguintes, foram imediatos. Os amigos, tal como as famílias alargadas, são *recursos* que os participantes tendem a mobilizar, principalmente, para *troca de experiências e aconselhamento*. Uma das adoptantes singulares revela que comunica com frequência com um amigo que é psicólogo em busca de conselhos sobre os mais diversos temas da parentalidade, e que este tem sido fundamental em momentos de maiores dúvidas. E um dos casais adoptantes aconselha-se com uma familiar psicóloga que os esclarece sempre que necessitam.

Os participantes, quando questionados sobre a reacção da *comunidade*, revelam que, na sua maioria, esta foi positiva, mas como a maior parte dos pais adoptivos não mantém relações próximas com os vizinhos, referem que não existe proximidade suficiente para falar sobre isso.

¹⁷ **B68:** *Toda a gente teve uma reacção muito positiva. Que achavam muito bem, sim senhora... Por incrível que pareça, quando o J. veio, nós fomos mostrar as fotografias ao meu pai, o meu pai ficou todo babado quando viu a fotografia do J. (risos)*

R67: *E hoje não se pode ralar com o neto ao pé dele.*

B69: *Não se pode ralar com o neto que ele fica... E eu vou dando assim: "Pois aqui há uns tempos atrás, nem sequer era... Vai chamar avô a outro...". Mas pronto, mas depois não vale a pena...*

Nas situações mais extremas e em que surgem mais dúvidas e dificuldades quanto a formas de (re)agir, os participantes não demonstram qualquer dificuldade em recorrer a *ajuda profissional*, nomeadamente, aos técnicos do *serviço de adoção* (53%) e dos *lares de acolhimento* (13%).

Três casais singulares e uma adoptante singular, referem que a relação que estabeleceram e mantiveram com os *técnicos de serviço de adoção* foi boa, e que, mais tarde, em situações de dificuldades recorreram a estes técnicos e obtiveram o apoio e informação que necessitavam. Outros dois casais referem que recorrem com mais frequência aos *técnicos dos lares de acolhimento* onde os seus filhos estiveram. Um desses casais relata que numa situação de dúvida, aos técnicos do serviço de adoção, mas como não obteve o apoio que necessitava, socorreu-se dos *técnicos do lar de acolhimento*¹⁸.

Em dois dos casos, os pais decidiram pedir apoio a *técnicos de psicologia* (20%). Num destes casos, um adoptante singular, refere nunca ter procurado apoio do serviço de adoção, e que, devido a uma indicação da professora do filho, decidiu recorrer ao apoio de um psicólogo¹⁹.

Destacam-se, novamente, os estudos que referem a necessidade e a pertinência de uma intervenção aprofundada por parte dos serviços de adoção, no sentido de apoiar os pais adoptantes a enfrentarem possíveis desafios e dificuldades (Simmel, 2007). Os serviços de adoção devem promover, ao longo dos diversos períodos do processo de adoção, forças e competências pessoais e parentais, e aconselhar os pais adoptivos ao

¹⁸**X43:** *Tinha que haver um consenso. Mas gritava, gritava, primeiro tentava bater, depois era aos gritos. Ahhh... nessa altura foi difícil, foi aí que a gente sentiu a falta de apoio.*

E: *E que...*

X44: *Ainda me socorri no (serviço de adoção)..., mas não houve grande saída, quer dizer não... é conversa e tal, coiso e tal, muito pouco palpável. Depois falei com a psicóloga, da casa de onde ele tinha vindo...*

¹⁹**E** – *E alguma vez sentiu necessidade ou sentiu vontade de telefonar, por exemplo, ao Serviço de Adoção ou...?*

N.28 – *Para o Serviço de Adoção, nunca. (...) e depois eu tive a falar lá com a professora... e ela disse: “realmente, nota-se que ele está a ter alguma influência, mas nota-se que ele sente aqui a falta de explodir, de gritar, então foi para uma psicóloga.*

nível de estratégias educativas e de *coping* positivas, essenciais para lidar com situações que possam surgir (Reynolds & Medina, 2008).

A nível *extra-familiar*, quer os adoptantes casais, quer os adoptantes singulares quando se deparam com situações mais difíceis mobilizam recursos *extra-familiares*, recorrem à sua rede de apoio, normalmente, familiares e amigos e, só em último caso, ao apoio de profissionais (Palacios et al., 1996). A conjugação que as famílias adoptivas fazem entre os diversos tipos de *facilitadores* e *recursos* parece exercer uma influência positiva no modo como as tarefas e exigências parentais são resolvidas e, conseqüentemente, auxiliam na adaptação à parentalidade adoptiva (Farber et al., 2003).

3.1.6. Quais as principais práticas parentais envolvidas no processo de resolução de dificuldades?

A passagem, em si, para a parentalidade adoptiva é, muitas vezes, abrupta podendo não existir uma preparação gradual do papel parental (Levy- Shiff et al., 1991; Relvas & Alarcão, 2002). Alguns pais indicaram como dificuldade o *ajustamento à parentalidade*, nomeadamente no *estabelecimento e imposição de regras*, principalmente no período de *pré-adoção*. Esta dificuldade em estabelecer e impor regras surgia associada à dificuldade em lidar com os *comportamentos* e *atitudes* dos seus filhos.

Das práticas parentais que os participantes adoptaram para lidar com os *comportamentos* e *atitudes*, principalmente em situações de incumprimento de regras, destacam-se as estratégias de *controlo comportamental - indutivas e coercivas* - através das quais os pais procuram controlar ou gerir o comportamento da criança (Galambos, Barker, & Almeida, 2003; Stewart & Bond, 2002).

Os pais referem que recorrem, maioritariamente, a *estratégias indutivas* (60%) de forma a que haja uma modificação voluntária e reflectida do comportamento da criança. Os pais recorrem à aplicação do castigo não-físico, acompanhado de: *explicação* e *reflexão*²⁰.

²⁰**E** - Os castigos que vocês habitualmente utilizam é (como já disseram) manda-lo para o quarto pensar, é por exemplo dizer “não vês televisão”, “não brincas com (...)?”; **T.20:** É explicar... a explicar...; **T.21:** Mas ele percebe que é assim, eu gosto muito de falar destas coisas. Eu, nós, eu e a minha mulher, pomos um castigo e depois explicamos.; **B.21:** Depois grita... E eu: “Oh J., mas estás a gritar porquê? Ninguém está a gritar contigo”, “Ah mas eu

Uma das adoptantes singulares refere uma estratégia diferente que utiliza com o seu filho, também para *promover a reflexão* e a *mudança voluntária do comportamento da criança* (26%)²¹.

Noutras situações, embora em menor número, os pais recorrem a estratégias coercivas (40%), designadamente a *punição física*²² e a *privação de objectos materiais*²³.

Nos relatos dos pais adoptivos quanto às práticas parentais, não existem indicações que estes tenham dificuldade em exercer autoridade e disciplina, o que vai contra às afirmações de Melina (1994, cit. por Mateus & Relvas, 2007), de que os pais adoptivos são mais condescendentes que os pais biológicos. Os pais adoptivos tendem, sim a recorrer, maioritariamente, a práticas de controlo parental indutivas (Noller, 1994, cit. por Muñoz et al., 2007; Palacios et al., 1996), mas também não parecem ter dificuldade em aplicar estratégias coercivas, quando consideram ser o mais pertinente.

Destacam-se, também, práticas parentais de *afecto-aceitação* dos participantes, estes demonstram, ao longo dos episódios analisados, um conjunto de características parentais que incluem o *suporte parental* (43%), a *disponibilidade afectiva* (28%), as *expressões de afecto* (14%) e a *sensibilidade* (14%) para os estados psicológicos da criança (Cummings, Davies, & Campbell, 2000).

não estou a gritar!”, *“Peço desculpa, mas estás a gritar! E se eu estou a falar normalmente contigo não é preciso estares a gritar”*. Pronto, há alturas em que tem de se ser um bocado... *“Vais-te sentar um bocadinho, pensas e depois vens falar connosco”*; **E**: *Portanto, essa é uma medida que vocês utilizam várias vezes? Mandá-lo pensar?*; **B.22**: *Sentar, pelo menos para acalmar.*

²¹**Q.52** – (...) *Às vezes, por exemplo, castigar...fazia muito uma coisa que era: quando ele começou a escrever, obrigava-o a escrever tipo assim vinte vezes, “vais para o teu quarto, escreves “não devo fazer isto” ou, por exemplo, “quando a minha mãe me chama, eu tenho de responder”, vais escrever vinte vezes!”*

²²**W.32** - (...) *Ontem ficou... Foi para a cama do irmão e eu disse: “ já sabe que o pai não deixa ir para a cama do irmão! Já para a sua cama!”*, *“Ai, a culpa foi dele...”*. Cinco minutos depois começo a ouvir barulho, estava ele outra vez na cama do irmão, chego lá, pimba!; **E** - *Uma palmada/ W.33* - *“Já para a cama!”*.

²³**B98**: *E pergunta “Compras-me um Gormiti?”, e eu “Não”, “Porquê?”, “Sabes porquê não sabes?”, “Sei, porque eu me portei mal, porque eu fiz birra...”, “Então pronto, já sabes”*.

Um dos adoptantes singulares refere a sua *disponibilidade e suporte parental*, sempre que o seu filho necessita²⁴.

Surgiram, também, em algumas referências, outras práticas parentais como: a *afirmação de papéis* (17%), que provém da necessidade de impor regras e limites; a *firmeza* (10%) e o *confronto* (8,5%) são utilizados de forma de transmitir ao filho a sua insatisfação face a determinados comportamentos; a *negociação* (6,3%) como forma de quer os pais, quer as crianças, cederem de parte a parte; e a *monotorização* (5%) dos pais de forma a se manterem a par das actividades da criança.

Constata-se, por parte dos pais adoptivos, uma conjugação de estratégias de *controlo comportamental (coercivas e indutivas)* e de estratégias de *afecto-aceitação*, ou seja, parecem conseguir combinar dimensões de afecto e comunicação, por um lado, e de disciplina e controlo, por outro (Palacios, 2000).

O exercício da autoridade parental adquire muita importância, com regras bem definidas, assentes em princípios e valores claros e conduzidas por meio de uma comunicação funcional (Alarcão, 2006).

3.1.7. Quais as principais reacções das crianças adoptadas, relativamente ao processo de resolução das dificuldades?

Dos relatos fornecidos pelos participantes, as principais reacções das crianças que se puderam constatar estão relacionadas com as práticas parentais, nomeadamente, a reacção das crianças à forma como os seus pais lidam com os seus *comportamentos e atitudes*.

Do que se pode apurar sobre as reacções das crianças, as principais reacções manifestadas relativamente ao processo de dificuldade, são: *afecto-aceitação* (80%), *ambivalência* (13,3%) e *hostilidade* (6,7%).

Um adoptante singular narra um episódio em que recorreu a uma conjugação de práticas parentais: privou o filho de ver o jogo de futebol (estratégia coerciva), mas explicou-lhe (estratégia indutiva) que tal acontecia devido à birra que o filho tinha feito.

²⁴N. 17 - (...) no meu caso, quero mostrar que está ali alguém presente, sempre que ele precisar. Tento sempre fazer com que ele perceba que pode falar comigo.

Mesmo tendo sido privado de ver o jogo a criança reagiu bem e percebeu o porquê de estar de castigo²⁵.

As reacções de *afecto-aceitação* também se podem explicar pela relação afectiva que os pais estabelecem com a criança e vice-versa. Relações seguras de vinculação permitem que a criança percepcione os seus pais como fonte de segurança e amor. As crianças internalizam os valores parentais e respeitam as regras e limites quando estes são acompanhados de amor e cuidado (Levy & Orlans, 2003).

As reacções de *afecto-aceitação*, por parte das crianças, podem estar relacionadas com o facto das práticas parentais dos pais adoptivos serem pautadas, maioritariamente, pelo recurso a estratégias de controlo indutivas. O facto de os pais explicarem e permitirem à criança reflectir sobre o seu comportamento pode influenciar a forma positiva como estas reagem.

3.1.8. Qual a avaliação que as famílias adoptivas fazem da resolução das dificuldades que vivenciam?

As famílias adoptivas avaliam a resolução das dificuldades que vivenciam de duas formas: *eficaz* (85,7%) e *ambivalente* (14,2%).

A avaliação *eficaz* das dificuldades relaciona-se, na maioria das vezes, com a eficácia das *práticas parentais* que os participantes utilizam de forma a gerir e controlar o *comportamento* dos seus filhos. Tais resultados parecem fazer sentido, uma vez que o comportamento das crianças foi das dificuldades que praticamente todos os pais mencionaram. E muitos deles revelam que houve evoluções positivas nos comportamentos dos seus filhos, o que os leva a crer que têm sido bem sucedidos.

Os participantes parecem ter integrado e aceite as exigências criadas pelas situações de dificuldade, mobilizando estratégias adaptativas eficazes na resolução das suas dificuldades.

²⁵ N. 17 - (...) Por exemplo, ele sabe que não pode ver o futebol hoje, e hoje de manhã, a minha mãe perguntou: “o R. logo vê o futebol?”, porque eu vou ao futebol, e ele disse: “Não, avó, estou de castigo”; “E porque é que está de castigo?”, e ele próprio explicou o porquê do castigo, que tinha feito birra.

Um casal refere que recorreram a estratégias criativas para conseguirem ir estabelecendo algumas regras ao seu filho, de modo a que tornasse mais organizado²⁶.

Relativamente às avaliações *ambivalentes*, estas estão associadas a determinadas situações em que a resolução dada à situação não é percebida pelos pais como a melhor. Exemplo disso é um episódio relatado por um adoptante singular que teve de recorrer à punição física e considera que tal pode não ter sido a melhor opção²⁷.

Embora os pais adoptivos experienciem níveis de stress elevados (McGlone et al., 2002), existe um conjunto de *facilitadores, recursos e estratégias* que os auxiliam na resolução de dificuldades, influenciando positivamente a forma como as tarefas e exigências parentais são resolvidas (Farber et al., 2003).

²⁶**G.79** – *Ele já sabe que chega a casa tem que pendurar o casaco; tem que pôr os ténis no seu sítio; antes de deitar tem que abrir a cama, ah... se leva brinquedos para a banheira, já sabe que os tem que limpar e que os tem de arrumar; tem de levantar tantas peças da mesa quantas o número de anos que tem...*

E - *(ri e o casal ri também) – Isso é giro!*

G.80 – *E se alguma coisa corre mal ... não põe o guardanapo ou sei quê, é sempre a somar, mais peças. Se somos nós que falhamos, desconta nas dele... Portanto, fazemos este jogo para...*

E. – *Está giro!*

G.81 – *Para... Até para ser uma rotina para ele... chegar lá e pôr logo o guardanapo e tal... E tem que ajudar! Vamos ao supermercado e dizemos: “Agora levaste tu estes sacos e nós levamos aqueles”, “Agora seguras nisto...” Pronto, distribuir tarefas...*

P.77 – *Ah, e se isso foi ...*

G.82 – *Pronto...*

P.78 – *Ele não fazia, ele não fazia...*

G.83 – *Nada!... Nada...*

P.79 – *Agora faz.*

²⁷**N17** - (...) *Ele próprio, no outro dia, lembrou-se de uma situação... eu dou umas palmadas no rabo quando se porta mal, essas coisas todas, mas não lhe bato todos os dias, não me considero um pai violento. Mas houve uma vez, que... ele usa óculos, enervou-se com uma coisa qualquer, pegou nos óculos e atirou à parede, e eu estava ao lado dele, encostei-lhe a mão à cara e aquilo para mim doeu-me tanto.*

Conclusão

O presente capítulo reserva-se a uma reflexão final sobre os resultados obtidos, as limitações e as possíveis implicações deste estudo exploratório.

Na sequência da análise dos relatos das famílias adoptivas, tornou-se possível uma aproximação à sua realidade e à forma como vão vivenciando, solucionando e avaliando as dificuldades que experienciam.

As famílias adoptivas sentem dificuldades ao longo de três períodos: prévio à adopção, pré-adopção e pós-adopção. Nestes três períodos, surgem diferentes fontes e tipos de dificuldade.

No período prévio à adopção, destaca-se, como fonte de dificuldade, a família alargada. Embora a reacção inicial, aquando da comunicação sobre a decisão de adoptar, seja negativa e haja uma diminuição do apoio aos candidatos adoptantes, com a chegada da criança, a família alargada tende a envolver-se progressivamente. Assim, deixa de ser uma fonte de dificuldade para se tornar num facilitador e num recurso nos períodos seguintes.

No período de pré-adopção, as dificuldades intensificam-se, pois este é marcado por várias transições e alterações, quer para os pais adoptivos, quer para as crianças. As fontes de dificuldade surgem, na sua maioria, associadas ao meio intra-familiar, e dizem respeito a características pessoais da criança e ao ajustamento dos pais aos seus novos papéis e responsabilidades. Os comportamentos e as atitudes desadequadas das crianças são os tipos de dificuldade mais apontados pelos pais adoptivos. Os pais revelam que a dificuldade em estabelecer e impor regras está relacionada com estes comportamentos e atitudes das crianças. Assim sendo, não atribuem as dificuldades experienciadas a características e/ou influências suas, mas a características pessoais da criança e a situações passadas que influenciam o comportamento actual da criança.

As famílias adoptivas não demonstram dificuldade em exercer autoridade e disciplina, contrariando afirmações (Melina, 1994, cit. por Mateus & Relvas, 2007) de que são mais condescendentes e permissivas que as famílias biológicas. De forma, a educar e lidar com os comportamentos e atitudes dos seus filhos utilizam uma conjugação de estratégias de controlo comportamental (coercivas e indutivas) e de estratégias de afecto-aceitação, ou seja, combinam dimensões de afecto e comunicação, por um lado, e de disciplina e controlo, por outro (Palacios, 2000). As reacções de

afecto-aceitação das crianças, quanto às práticas parentais utilizadas pelos pais, revelam que estas estabeleceram relações seguras e de afecto com os seus pais.

No período da pré-adoção, surgem, também, como fontes de dificuldade, a falta de apoio e de informação dos serviços formais, nomeadamente do serviço de adopção e dos lares de acolhimento e os comentários estigmatizantes realizados por membros da rede social.

Durante o período de pré-adoção, os pais relatam níveis de stress mais elevados (McGlone et al., 2002), mas mostram-se satisfeitos com a experiência da adopção e com os vínculos afectivos que estabeleceram com os seus filhos. Esta satisfação pode influenciar a aceitação de mudanças que surgem associadas à transição para a parentalidade que, por sua vez, pode influenciar a percepção positiva que as famílias adoptivas têm das dificuldades vivenciadas.

A satisfação com a experiência da adopção e a percepção positiva, que as famílias adoptivas têm das dificuldades experienciadas, conjugadas com as características demográficas dos participantes, como a idade, a formação académica superior e uma maior estabilidade profissional, pode reflectir-se positivamente na mobilização de estratégias adaptativas de resolução das dificuldades (Farber et al., 2003).

As famílias adoptivas têm, ainda, um conjunto de facilitadores e recursos que, também, auxiliam no processo de resolução de dificuldades. Num primeiro plano, tentam resolver as dificuldades a nível intra-familiar e, para tal, destacam: as forças conjugais (no caso dos casais adoptantes); as características pessoais, quer dos pais, quer das crianças; as experiências prévias com outras crianças (familiares ou filhos de amigos), a procura de informação sobre a temática da adopção; e as crenças religiosas. Caso as situações sejam mais difíceis, mobilizam recursos a nível extra-familiar: o envolvimento, apoio e suporte, quer da família alargada, quer dos amigos, a quem recorrem para troca de experiências e aconselhamento.

Quando as famílias adoptivas têm mais dificuldades, ou consideram que as dificuldades que estão a experienciar requerem uma opinião mais técnica, recorrem a ajuda de profissionais. No caso de terem relações bem estabelecidas com os técnicos do serviço de adopção e dos lares de acolhimento, é a estes que recorrem; quando tal não acontece, procuram ajuda de outros profissionais.

No período de pós-adoção, as famílias adoptivas ainda experienciam dificuldades ao nível do comportamento e das atitudes dos filhos, mas como já existem

limites e regras estabelecidas, estas não são tão enfatizadas como no período da pré-adopção. Neste período, os pais têm de lidar com outro tipo de dificuldade, uma das tarefas específicas da parentalidade adoptiva, a comunicação sobre a adopção com o filho. As famílias adoptivas parecem ter conseguido criar um ambiente propício às necessidades dos seus filhos e à formação de vínculos afectivos fortes, que permite às crianças explorar adequadamente as questões relacionadas com a adopção.

Apesar das muitas e potenciais dificuldades associadas à parentalidade adoptiva, as famílias adoptivas avaliam de forma positiva a resolução das dificuldades. Tal parece estar associado à satisfação com a experiência da adopção que influencia a percepção positiva que as famílias têm das dificuldades, o que, por sua vez, se reflecte nas estratégias adaptativas que utilizam e na mobilização eficaz dos seus recursos.

No presente estudo reconhecem-se várias limitações. Primeiramente, a nível da amostra utilizada, destaca-se: a dimensão reduzida da mesma, o que não permitiu aprofundar os conhecimentos sobre as variáveis em análise em função de variáveis demográficas como, por exemplo, casal parental vs pai singular, famílias adoptivas de filho único vs famílias com fratrias mistas vs famílias com fratrias adoptivas; a homogeneidade da amostra, uma vez que a maior parte dos indivíduos residem em meio urbano, tem formação académica ao nível do ensino superior e o nível sócio-económico médio-alto; o facto dos participantes se voluntariarem para participar num estudo qualitativo que requer um nível elevado de exposição das vivências familiares pode significar que são famílias à partida satisfeitas e com menos dificuldades; também o facto de as entrevistas terem sido realizadas num período de pós-adopção em que os laços afectivos entre pais e filhos já se encontravam solidificados e em que muitas situações de stress foram ultrapassadas, pode ser responsável por uma percepção mais positiva sobre as situações de dificuldade já ultrapassadas.

No processo de codificação e análise de dados, a subjectividade envolvida em todo o processo deve ser tida em consideração, principalmente por esta ter sido efectuada apenas por um investigador, o que aumenta a probabilidade de possíveis enviesamentos.

Investigação Futura

Seria relevante conduzir outros estudos que contribuíssem para a superação ou atenuação destes limites, nomeadamente, estudos com metodologias mistas, transversais e, sobretudo, longitudinais, e estudos que incluíssem famílias adoptivas em acompanhamento clínico. Sugere-se que tais estudos contemplassem amostras suficientemente abrangentes e diversificadas - adopções internacionais e transraciais, adopções por casais e por singulares, adopções de fratrias, famílias com fratrias mistas (biológicas e adoptivas), adopções precoces e adopções tardias, etc. - de forma a que se possam identificar se existem ou não dificuldades específicas de cada tipo de adopção e se o processo de resolução de dificuldades é semelhante ou não nos diferentes tipos de adopção.

O enriquecimento do conhecimento sobre famílias adoptivas é fulcral para a intervenção técnica em todas as fases do processo adoptivo - desde o processo de selecção dos pais candidatos à adopção até à situação consumada de pós-adopção - quer na sua vertente preventiva, quer na vertente terapêutica.

BIBLIOGRAFIA

- Aboim, S. (2003). Evolução das estruturas domésticas. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 43, 13-30. Consultado em 16 de Maio de 2011, através de: <http://www.ics.ul.pt/rdonwebdocs/Sofia%20Aboim%20%20Publica%C3%A7%C3%B5es%202003,%20n%C2%BA2.pdf>
- Alarcão, M. (2006). *(Des)equilíbrios familiares* (3ª ed.). Coimbra: Quarteto.
- Barth, R. P. & Berry, M. (1988). *Adoption and disruption: rates, risks, and responses*. Hawthorne, NY: Adline de Gruyter.
- Belanger, K., Copeland, S., & Cheung, M. (2008). The role of faith in adoption: Achieving positive adoption outcomes for African american children. *Child Welfare*, 87, 99-123.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Brodzinsky, D. M. (1987). Adjustment to adoption. *Clinical Psychology Review*, 7, 25-47.
- Brodzinsky, D. M. (1990). A stress and coping model of adoption adjustment. In D. M. Brodzinsky, & M. D. Schechter (Eds.), *The Psychology of Adoption* (pp. 3-24). Oxford: Oxford University Press.
- Brodzinsky, D. M., & Huffman, L. (1988). Transition to adoptive parenthood. *Marriage and Family Review*, 12, 267-286.
- Brodzinsky D., Lang, R., & Smith, D. (1995). Parenting adopted children. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* (Vol. 3, pp. 209-232). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

- Brodzinsky, D., & Pinderhughes, E. (2002). Parenting and child development in adoptive families. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* (Vol. 10). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Brodzinsky, D., & Schechter, M. (1990). *The psychology of adoption*. New York Oxford: University Press.
- Brodzinsky, D. M., Smith, D. W., & Brodzinsky, A. B. (1998). *Children's adjustment to adoption: Developmental and clinical issues*. London: Sage Publications.
- Brodzinsky, D. M., Singer, L., & Braff, A. (1984). Children's understanding of adoption. *Child Development*, 55, 869-878. Obtido em de 14 de Abril de 2011, através de: EBSCOhost.
- Burr, W. R., & Klein, S. R. (1994). *Reexamining family stress: New theory and research*. Thousand Oaks, CA: Sage
- Cardoso, C. (2008). *Estratégias disciplinares e afectos parentais: um estudo exploratório com pais biológicos e pais adoptivos*. Dissertação de mestrado não publicada, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto.
- Cezar-Ferreira, V. (2004). A pesquisa qualitativa como meio de produção de conhecimento em psicologia clínica, quanto a problemas que atingem a família. *Psicologia: Teoria e Prática*, 6 (1), 81-95.
- Cummings, E. M., Davies, P. T., & Campbell, S. B. (2000). *Developmental psychopathology and family process: Theory, research, and clinical implications*. New York: Guilford Press.
- Cunha, V. (2007). *O lugar dos filhos. Ideias, práticas e significados*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.

- Daly, K. J. (2007). *Qualitative methods for family studies & human development*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Denzin, N. (1992). *Symbolic interactionism and cultural studies*. Malden, MA: Blackwell.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2003). *Collecting and interpreting qualitative materials*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2006). *O planeamento da pesquisa qualitativa – teoria e abordagens*. Porto Alegre: Ed. Artmed.
- Dixon-Woods, M., Booth, A., & Sutton, A. (2007). Synthesizing qualitative research: A review of published reports. *Qualitative Research*, 7, 375-422.
- Domingo, J. O. (2004). Un análisis comparativo de las medidas alternativas de protección de menores en Andalucía y España. *Cuadernos de Trabajo Social*, 17, 63-81.
- Domingo, J. O. (2006). Familia adoptiva y cambios en la organización familiar tradicional. *Papers*, 81, 171-185.
- Domingo, J. O. (2008). Aspectos psicosociales de la adopción en Andalucía. *Papers*, 87, 207-234.
- Farber, M., Timberlake, E., Mudd, H. P., & Cullen, L. (2003). Preparing parents for adoption: An agency experience. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 20 (3), 175-196.
- Ferreira, S., Pires, A., & Salvaterra, F. (2004). Filho do coração...Adopção e comportamento parental. *Análise Psicológica*, 2 (XXII), 399-411.

- Galambos, N.L., Barker, E.T., & Almeida, D.M. (2003). Parents *do* matter: Trajectories of change in externalizing and internalizing problems in early adolescence. *Child Development, 74*, 578-594.
- González, A., Fuentes, M., Linero, M., Barajas, C., Morena, M., Quintana, I., Goicoechea, M., & Fernández, M. (2001). Análisis de los conflictos durante el periodo de acogimiento preadoptivo: Orientaciones psicoeducativas. *Infancia y Aprendizaje, 93*, 81-93.
- Groze, V. (1996). A 1 and 2 year follow-up study of adoptive families and special needs children. *Children and Youth Services Review, 18*, 57-82.
- Guba, E. & Lincoln, Y. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N. K. Denzin, & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of Qualitative Research* (pp. 105-117). Newbury Park, CA: Sage.
- Hodges, J. (2005). Adoption and fostering. *Psychiatry, 4* (7), 49-53.
- Jacob, E. (1988). Clarifying qualitative research: A focus on traditions. *Educational Researcher, 17* (1), 16-24.
- Juffer, F., & IJzendoorn, M. (2007). Adoptees do not lack self-esteem: A meta-analysis of studies on self-esteem of transracial, international, and domestic adoptees. *Psychological Bulletin, 133* (6), 1067-1083.
- Leal, I. (2008). *A entrevista psicológica: Técnica, teoria e clínica*. Lisboa: Fim de Século.
- Leon, I. (2002). Adoption losses: Naturally occurring or socially constructed?. *Child Development, 73*, 652-663. Retirado de EBSCOhost.
- Levy, T., & Orlans, M. (2003). Creating and repairing attachments in biological, foster, and adoptive families. In S. Johnson, & V. Whiffen (Eds.), *Attachment Processes in Couple and Family Therapy*. New York: Guilford Press.

- Levy-Shiff, R. (2001). Psychological adjustment of adoptees in adulthood: Familyenvironment and adoption-related correlates. *International Journal of Behavioral Development*, 25 (2), 97-104.
- Levy –Shiff, R., Goldshmidt, I., & Har-Even, D. (1991). Transition to parenthood in adoptive families. *Development Psychology*, 27 (1), 131-140.
- Levy-Shiff, R., Zoran, N., & Shulman, S. (1997). International and domestic adoption: Child, parents, and family adjustment. *International Journal of Behavioral Development*, 20 (1), 109-129.
- Locke, K. (2001). *Grounded Theory in management research*. London: Sage Publications.
- Mascarenhas, M. C., & Alarcão, M. (2002). Famílias adoptivas e processo de adopção. In C. Machado, & R. A. Gonçalves (Coords.), *Violência e Vítimas de Crimes - Crianças* (Vol 2, pp. 245-289). Coimbra: Quarteto.
- Mason, J. (1996). *Qualitative researching*. London: Sage Publications.
- Mateus, G., & Relvas, A. (2007). Adopção e Parentalidade. In A. Relvas, & M. Alarcão (Coords.), *Novas Formas de Família* (pp. 121-187). Coimbra: Quarteto Editora.
- McCubbin, H. I., & Patterson, J. M. (1983). The family stress process: The double ABCX model of adjustment and adaptation. In H. I. McCubbin, M. B. Sussman, & J. M. Patterson (Eds.), *Social stress and the family: Advances and developments in family stress theory and research*. New York: Haworth.
- McGlone, K., Santos, L., Kazaina,L., Fong, R., & Mueller, C. (2002). Psychological stress in adoptive parents of special-needs children. *Child Welfare*, XXXI, 151-17.
- Miles, M, & Huberman, A. (1994). *Qualitative data analysis*.. Thousand Oaks: Sage Publications.

- Molina, M. F. (2002). Descripción del proceso de adaptación infantil en adopciones especiales: Dificultades y cambios observados por los padres adoptivos. *Anales de psicología*, 18 (1), 151-168.
- Muñoz, I., Rebollo, M., Fernández-Molina, M., & Morán, R. (2007). Percepción de las estrategias de socialización parentales en familias adoptivas y no adoptivas. *Psicothema*, 19 (4), 597-602
- Narciso, I. (2001). *Conjugalidades satisfeitas mas não perfeitas: À procura do padrão que liga*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa, Lisboa.
- O'Brien, K. M., & Zamostny, K. P. (2003). Understanding adoptive families: An integrative review of empirical research and future directions for counseling psychology. *The Counseling Psychologist*, 31 (6), 679-710.
- Palacios, J. (2000). Familias adoptivas. In M. J. Rodrigo, & J. Palacios (Eds.), *Familia y desarrollo humano* (pp. 353-371). Madrid: Alianza Editorial.
- Palacios, J. (2009). La adopción como intervención y la intervención en adopción. *Papeles del Psicólogo*, 30, 53-62.
- Palacios, J., León, E., Sánchez-Sandoval, Y., Amorós, P., Fuentes, N., & Fuertes, J. (2006). *Programa de formación para la adopción nacional*. Sevilla: Dirección General de Infancia y Familias.
- Palacios, J., & Sánchez-Sandoval, Y. (2006). Stress in parents of adopted children. *International Journal of Behavioral Development*, 30 (6), 481-487.
- Palacios, J., Sánchez-Sandoval, Y., & Sánchez-Espinosa, E. M. (1996). *La adopción en Andalucía*. Sevilla: Junta de Andalucía.
- Relvas, A. P., & Alarcão, M. (2002). *Novas formas de família*. Coimbra: Quarteto.

- Reynolds, J., & Medina, S. (2008). Challenges and resiliency factors of families with internationally adopted children. In G. R. Walz, J. C. Bleuer, & R. K. Yep (Eds.), *Compelling counseling interventions: Celebrating VISTAS`fifth anniversary*, (pp. 81-90). An Arbor, MI: Counseling Outfitters.
- Rosenthal, J. A. (1993). Outcomes of adoption of children with special needs. *The Future of Children*, 3, 77-88.
- Rosenthal, J. A., & Groze, V. K. (1990). Special-needs adoption: A study of intact families. *Social Service*, 64 (3), 475-505.
- Rosenthal, J. A., & Groze, V. K. (1994). A longitudinal study of special-needs adoptive families. *Child Welfare*, LXXIII (6), 689-706.
- Rosenthal, J. A., Schmidt, D., & Conner, J. (1988). Predictors of special needs adoption disruption: An exploratory study. *Children and Youth Services Review*, 10, 101-117.
- Roussel, L. (1992). O futuro da família. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 11, 165-179.
- Salvaterra, F., & Veríssimo, M. (2008). A adopção: O Direito e os afectos. *Análise Psicológica*, 3, 501-517.
- Schechter, M. D., & Bertocci, D. (1990). The meaning of the search. In D. M. Brodzinsky, & M. D. Schechter (Eds.), *The psychology of adoption* (pp. 62-90). Oxford: Oxford University Press.
- Schettini, S., Amazonas, M., & Dias, B. (2006). Famílias adoptivas: Identidade e diferença. *Psicologia em Estudo*, 11, 285-293.
- Schwandt, T. (1994). Constructivist, interpretivist approaches to human inquiry. In N. K. Denzin, & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research*, (pp. 118-137). Newbury Park, CA: Sage.

- Silverman, D. (2000). *Doing qualitative research: A practical handbook*. London: Sage Publications.
- Simmel, C. (2007). Risk and protective factors contributing to the longitudinal psychosocial well-being of adopted foster children. *Journal of Emotional and Behavioral Disorders*, 15 (4), 237-249.
- Singer, L., Brodzinsky, D., Ramsay, D., Steir, M., & Waters, E. (1985). Mother-infant attachment in adoptive families. *Child Development*, 56, 1543-1551.
- Soler, O. P. (2007). La necesidad del apoyo post-adoptivo. Obtido em de 21 de Setembro de 2011, através de: http://www.volmae.es/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=37&Itemid=72
- Stewart, S. M. and Bond, M. H. (2002). A critical look at parenting research from the mainstream: Problems uncovered while adapting Western research to non-Western cultures. *British Journal of Developmental Psychology*, 20, 379-392. Obtido em 14 de Setembro de 2011, através de: <http://www.psy.cuhk.edu.hk/en/people/mbond/mbond.php>
- Strauss A., & Corbin, J. (1998). *Basic of qualitative research: Techniques and procedures for developing grounded theory*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Triseliotis, J., Shireman, J., & Hundleby, M. (1997) *Adoption: Theory, policy and practice*. London: Cassell.
- Waggenspack, B. M. (1998). The symbolic crises of adoption: Popular media's agenda setting. *Adoption Quarterly*, 1, 57-82.
- Wall, K., & Amâncio, L. (2007). *Família e género em Portugal e na Europa*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.

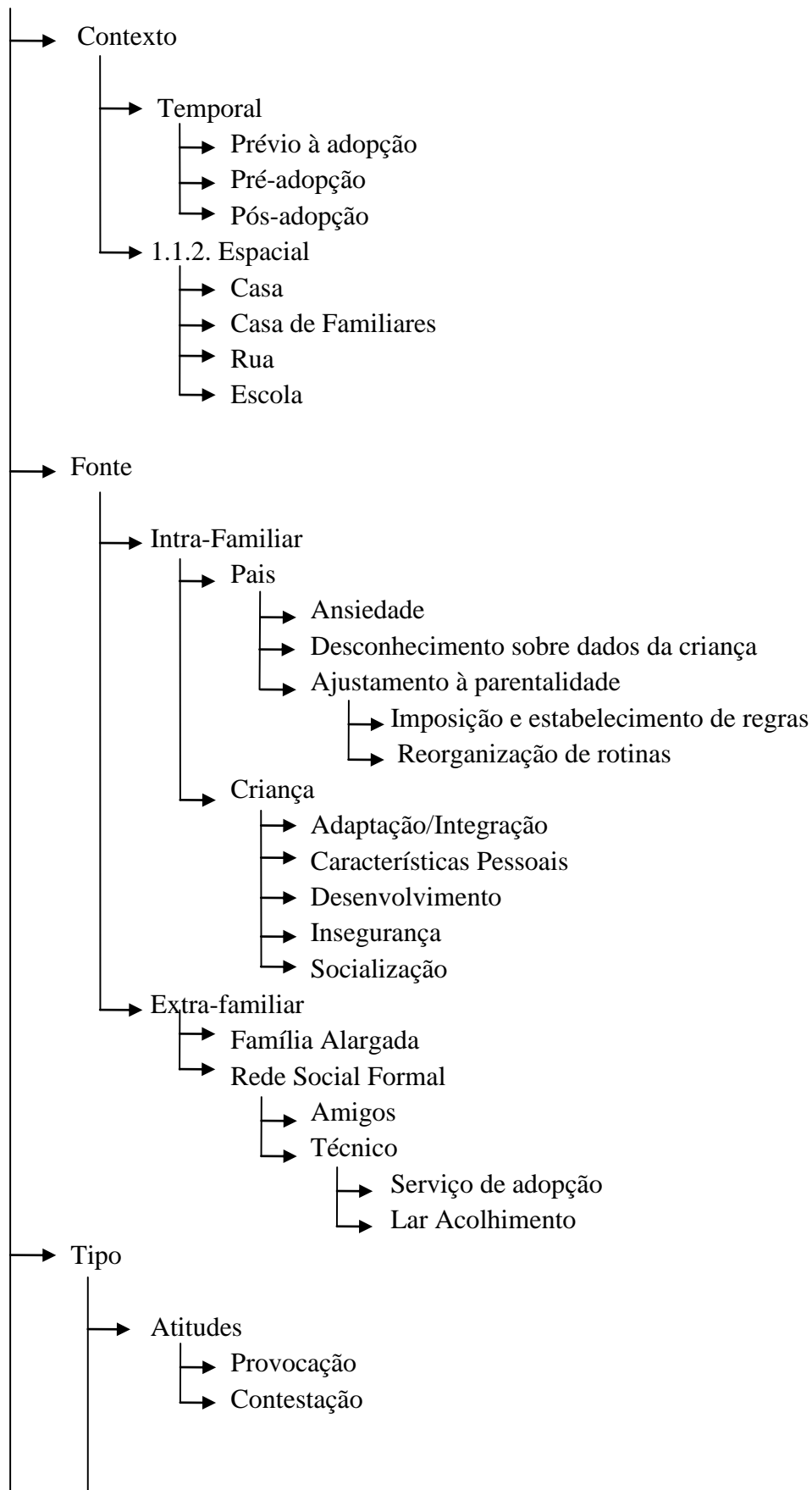
Wilson, S. L. (2004). A current review of adoption research: exploring individual differences in adjustment. *Children and Youth Services Review*, 26, 687-689. Obtido em 12 de Maio de 2011, através de: ScienceDirect database.

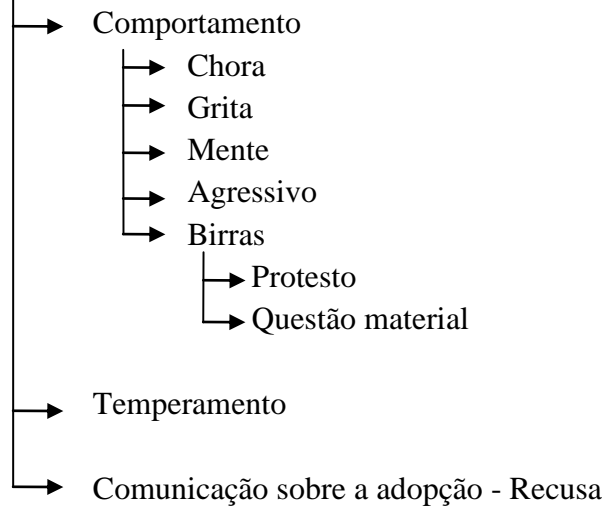
Apêndices

Apêndice I

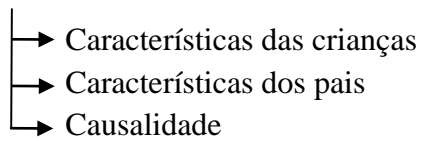
Esquema representativo da árvore de categorias

1. Dificuldades

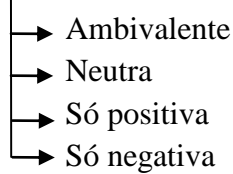




2. Atribuição

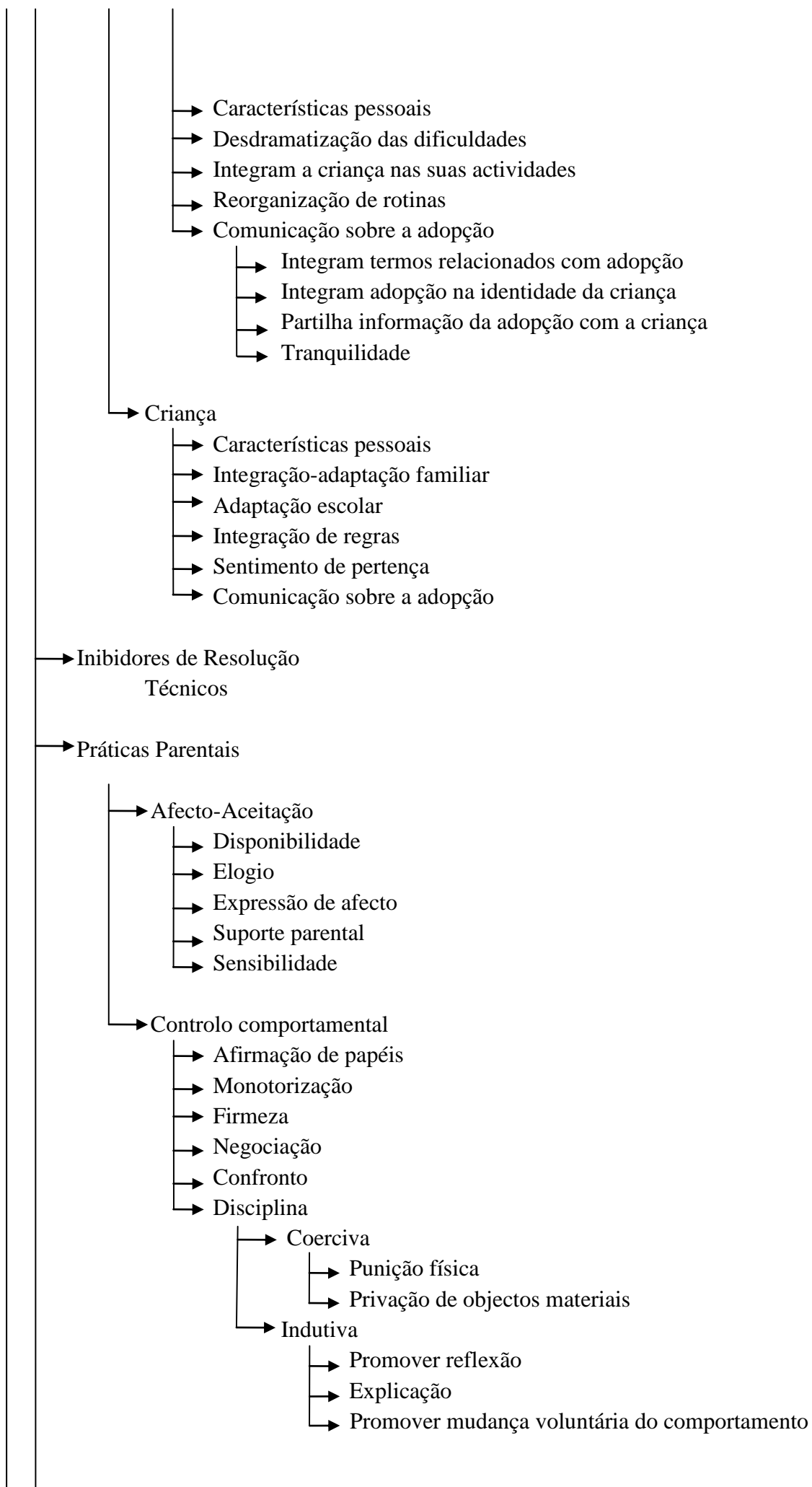


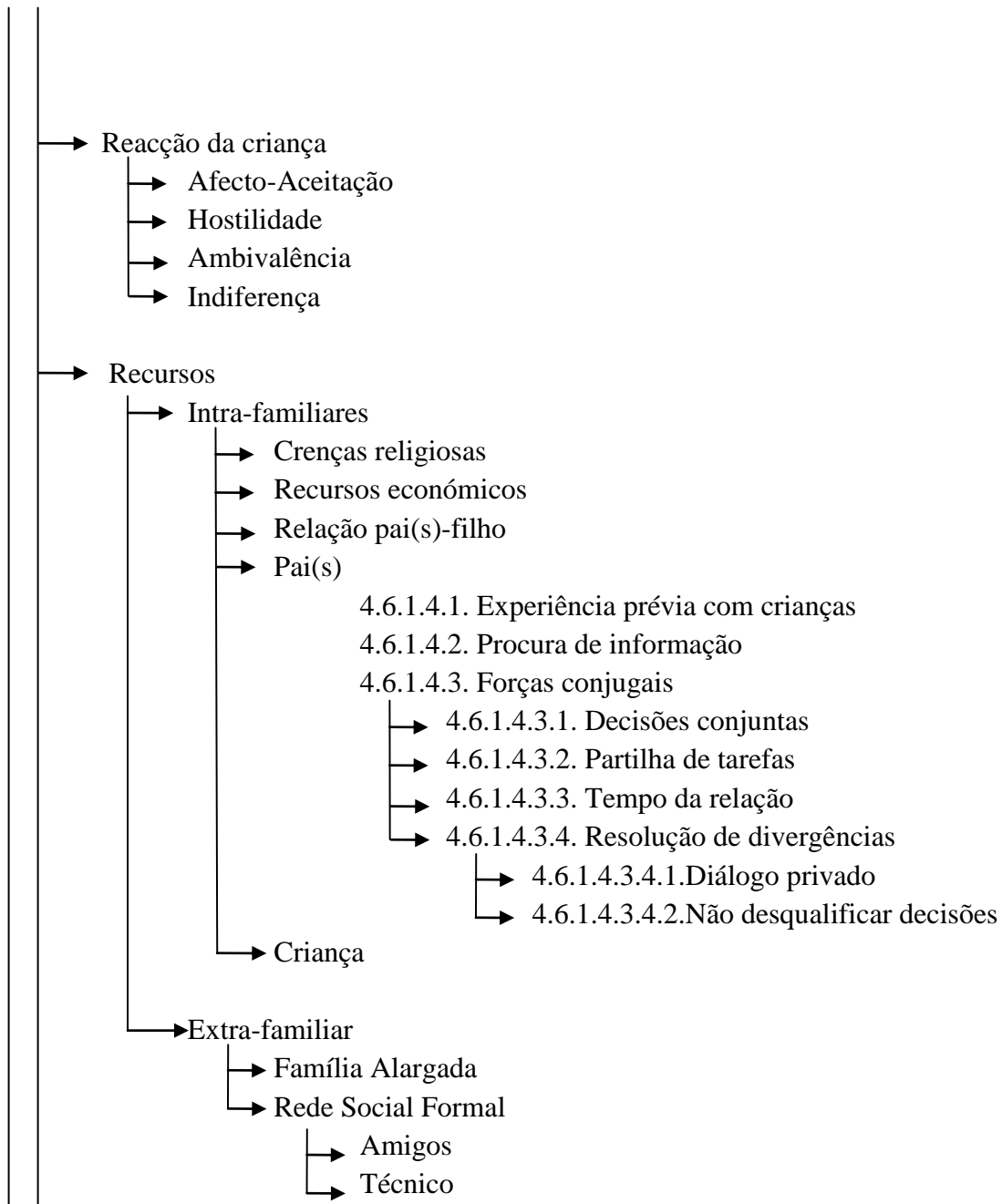
3. Percepção



4. Processo de Resolução







5. Avaliação da Resolução da Dificuldade

- 5.1. Eficaz
- 5.2. Ineficaz
- 5.3. Ambivalente
- 5.4. Não sei

6. Solução da Dificuldade

- 6.1. Ambígua
- 6.2. Adiada
- 6.3. Centrada na vontade dos pais
- 6.4. Centrada na vontade da criança

Anexos

Anexo A

Questionário Geral

Data _____

É muito importante que leia atentamente e **responda a todas as questões**. Deixar questões em branco inutiliza todo o questionário e impossibilita que as suas respostas sejam incluídas na investigação.

Quando não tiver a certeza acerca de um valor ou resposta, por favor, responda com dados aproximados.

Parte I- Dados Sócio-Demográficos

1. Sexo

- Masculino
 Feminino

2. Escolaridade

- 0 a 4 anos de escolaridade
 7-9 anos de escolaridade
 Frequência universitária
 5-6 anos de escolaridade
 10-12 anos de escolaridade
 Ensino superior

3. Origem étnica/racial

4. Idade

5. Profissão ou Ano Escolar se for Estudante

6. Zona de Residência Habitual

- Norte
 Algarve
 Centro
 Alentejo
 Grande Lisboa
 Arquip. Madeira
 Arquip. Açores
 Outra _____

7. Estado Civil

- Casado(a) Desde _____
 Solteiro/a
 Divorciado(a) Desde _____
 Viúvo(a)

8. Habita com

9. Situação Relacional

- Casamento Quantos casamentos teve anteriormente? _____
 União de Facto (igual ou superior a 2anos) Desde _____
Quantas uniões de facto teve anteriormente? _____

10. Filhos (biológicos/adoptivos/enteados)

- Sem filhos
 Gravidez actual
 Com filhos
Número de filhos biológicos _____ Idades _____
Número de filhos adoptivos _____ Idades _____
Número de enteados _____ Idades _____

11. Acompanhamento psicológico ou psiquiátrico

- Nunca teve
 Teve no passado
 Tem actualmente

12. Religiosidade

- Não Crente
 Crente Não Praticante
 Crente Praticante
Qual a religião? _____

